



O MODERNISMO INTEGRALISTA NOS ROMANCES O ESPERADO E O ESTRANGEIRO DE PLÍNIO SALGADO

Por
JOSÉ ELISEO DE BARROS

Tese de Doutorado ao Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada (Ciência da Literatura) Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em Literatura Comparada (Ciência da Literatura).

Orientador: Professor Doutor Luiz Edmundo Bouças Coutinho

Rio de Janeiro

Agosto / 2006

Esta tese é dedicada ao Mestre Afrânio Coutinho (in memoriam)

Agradeço aos amigos André Filipe Moreira de Oliveira e Guilherme Fagundes Lima Couto pela contribuição e a Priscilla Fagundes Costa que tornou possível a realização desta Tese.

**O MODERNISMO INTEGRALISTA NOS ROMANCES O ESPERADO E O
ESTRANGEIRO DE PLÍNIO SALGADO**

Autor: José Elíseo de Barros

Orientador: Professor Doutor Luiz Edmundo Bouças Coutinho

Tese de Doutorado Submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciência da Literatura (Literatura Comparada).

Aprovado por:

LUIZ EDMUNDO BOUÇAS COUTINHO
Prof. Dr. Orientador

JULIO ALDINGER DALLOZ
Prof. Dr.

ELEONORA ZILLER CAMENIETZKI
Prof. Dr.

MAURO PORRU
Prof. Dr.

FLORA DE PAOLI FARIA
Prof. Dr.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2006

Há um rumor de angústia e de gemidos,
crescendo em torno dos arranha-céus.

Plínio Salgado

Todas as fases são necessárias e, por
consequente, legítimas em função da época e
das circunstâncias que as produzem.

Engels

Quererá isto dizer que no futuro as lutas de rua
já não vão desempenhar nenhum papel ? De
maneira nenhuma.

Karl Marx

SINOPSE

Interpretação dos romances O Estrangeiro e O Esperado no contexto modernista brasileiro, numa vertente que terá seu desfecho no movimento político integralista.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

2- O ESTRANGEIRO: A GÊNESE DO MODERNISMO

3- UMA INTERPRETAÇÃO DO ROMANCE O ESPERADO

4- CONCLUSÃO

5- NOTAS DE REFERÊNCIAS

6- REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Introdução

A questão da modernidade no Brasil sempre aparece de forma truncada. Modernidade e modernização se confundem no contexto nacional. O caráter conservador é um verdadeiro culto à tradição marcam profundamente o modo de ser brasileiro. No início do século XX as oligarquias comandavam o espetáculo. Em 1908 dizia Sílvio Romero:

“O Brasil de hoje, como foi organizado por certos fantasistas sem cultura real, sem plasticidades orgânica de talento e de doutrinas. Confundidores famosos de frases com idéias, e como tem andado ao sabor e sob o tacão de criminosos exploradores, - é uma desarticulada ditadura, de joelhos perante o exército, repartida em vinte oligarquias fechadas, feudos escusos, pertencentes a vinte bandos de sicários. (1)”

A partir dos anos 20, a Igreja Católica vai criar um projeto para desenvolver sua influência política, criando várias organizações dirigidas por intelectuais leigos. No campo literário também surge a presença de escritores católicos que fundam a revista Festa onde defendiam o modernismo e procuravam uma estética espiritualista que segundo eles estaria na raiz da cultura brasileira.

Todavia não podemos esquecer que o movimento modernista de 22 surge paralelo à mudanças econômicas e políticas. É importante observar que em São Paulo

“o fazendeiro de café sempre foi um homem urbano ao contrario do dono de engenho nordestino. Sempre aliou a sua atividade agrícola outras funções”.

Foi político, banqueiro, industrial e viajante emérito.” (2)

O movimento de 1922 surge em São Paulo com a modernização:

“É preciso compreender o modernismo com suas causas materiais e fecundantes, hauridas no parque industrial de São Paulo, com seus compromissos de classe no período áureo-burguês do primeiro café valorizado enfim com o seu divisor de águas que foi a Antropofagia nos prenúncios do abalo mundial de Wall-Street. O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira”(3).

O movimento modernista surge num determinado momento de mudanças ou reformas na sociedade brasileira:

“Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional.” (4)

O modernismo embora apresentasse alguns pontos comuns, o nacionalismo, por exemplo, não formava em si um bloco monolítico, tanto estético como político ou filosófico. Tivemos tendências, como as manifestações literárias de Plínio Salgado, por exemplo, que se afastavam das manifestações de Mário e Oswald de Andrade. Ao lado de Plínio Salgado estavam Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Alfredo Ellis e Mota Filho, fundadores do grupo verde-amarelo. Como observa Cassiano Ricardo todos os modernistas tinham alguns pontos em comum: queriam a mudança da velha mentalidade estética por outra, em valores e propósitos.

O grupo verde-amarelo pretendia uma arte participante, integrada no contexto cultural, social e humano da época e sua problemática. Segundo Cassiano Ricardo, o grupo de Mário e Oswald de Andrade era salonista e amigo de “festanças”, até 1930; já o grupo verde-amarelo colocava-se exatamente em sentido contrário, com seu manifesto nascido num café, o antigo Café Guarani. Era anti-salonista pelo conteúdo

ideológico, já em contato com a rua e com o povo. O de Mário e Oswald Andrade era “social” mundano; o grupo verde-amarelo era “social” político.

Mário de Andrade, em seu ensaio sobre o modernismo, afirma jamais ter encontrado Plínio Salgado pisando os salões.

A geração de intelectuais dos anos 20 inspirou-se em Lima Barreto e Euclides da Cunha ao colocar a literatura a serviço da recuperação da nacionalidade e de fazer um instrumento da transformação social e política, uma constante na Literatura Latino-Americana a partir de um determinado momento.

Os escritores do início do século XX tinham a seguinte meta: a ambição de fazer com que se apague a fronteira tradicional entre o homem de letras e o homem público e entre o artista e sua comunidade. Esta geração considerou-se também herdeira dessa maneira de ver a realidade nacional; ao reclamar do estado uma verdadeira autoridade, tomou como ponto pacífico o fato de que sua missão era, política.

Duas tendências tornam-se presentes no Brasil na década de 20. A criação de estudos sociológicos preocupados com a análise da sociedade brasileira e busca de um pensamento nacional independente. Neste contexto surge o movimento verde-amarelo assim como a obra literária de Plínio Salgado no período de 1920/1930

O que vai interessar para o desenvolvimento desta tese é o Plínio Salgado modernista de 1922 a 1930: é o intelectual que se transfere de São Bento da Sapucaí para São Paulo vivenciando o aspecto urbano, ambiente dos seus primeiros romances: O Estrangeiro e O Esperado.

Esta tese começou de uma dissertação de Mestrado. A banca Examinadora composta pelos professores Doutores Luiz Edmundo Bouças Coutinho, Frederico Augusto Liberalli de Góes e Ana Maria Vieira Magalhães sugeriu o desdobramento desta dissertação em Tese elaborando e ampliando a mesma temática.

Certos aspectos determinantes do integralismo: nacionalismo exacerbado, e ideologia espiritualista, já estavam presentes no primeiro romance de Plínio Salgado.

A questão do modernismo no Brasil apresenta características próprias; o modernismo brasileiro era uma literatura de modernização. (5)

Modernização da forma numa sociedade autoritária. A forma de uma obra de arte, observa Brecht, não é outra que a perfeita organização de seu conteúdo, o seu valor depende completamente deste último.(6)

O perigo segundo Brecht estava nas inovações aparentes.

Pretendo verificar como as inovações formais no romance O Estrangeiro convivem muito bem ou não com as ideologias conservadoras, reacionárias, irracionais, partindo para um questionamento dos modernismos ou do que seja moderno ou não moderno na cultura brasileira. Não devemos, todavia, esquecer Umberto Eco: “entre a intenção do autor e o propósito do intérprete existe a intenção do texto”. (7)

A primeira fase do modernismo foi caracterizada pela orientação revolucionária, iconoclasta destrutiva, e pelo predomínio do gênero poético. Ao interpretarmos um texto literário e um manifesto político surgem algumas peculiaridades. Plínio Salgado romancista e Plínio Salgado ideólogo do Integralismo podem estar distantes um do outro. O texto literário pode trair seu autor assim como seus intérpretes. O romance O Esperado surge como uma obra mais afastada do Plínio

integralista; talvez o autor tenha sido traído em suas intenções e com isso nasceu o melhor romance social dos anos 20.

Plínio pertence ao grupo de escritores que no período de 1920/ 1930 começou as experiências da renovação estética da ficção. Os romances de Plínio são livros de idéias, misto de romance-ensaio e romance-poema. O Estrangeiro tem a preocupação de fixar a fisionomia de São Paulo no início do século XX.

Já O Esperado procura criticar, segundo Plínio, uma enfermidade brasileira: o fatalismo messiânico. Toda a novelística de Plínio Salgado surge, tendo como preocupação, levantar a bandeira do Brasil e iniciar uma luta contra um Brasil europeizado que nasceu velho como toda a América. Desdobramento do país originário.

Surge, nos romances de Plínio, certo momento de reflexão sobre necessidade do nascimento de um novo romance de acordo com o novo século que estava nascendo. Mas nem sempre há uma correspondência entre a doutrina e a técnica realizada na construção literária. Todavia isto não invalida estas obras.

Quanto aos personagens, o Brasil é sempre o personagem protagonista. Merece destaque, no discurso dos personagens, e no narrador certo tom épico. Surge nos romances uma oratória, de Plínio, pateticamente redentora, a que se funde certo tom de parábola, numa obsessão nacionalista, e a qual corresponde a atmosfera teatral, sustentada por grandes frases de efeito.

A imagística possui recursos plásticos geralmente de bom gosto. Nos romances já citados, Plínio Salgado não havia abandonado a carreira de romancista para assumir a de político. E o que interessa nesta tese é o modernista de Plínio

Salgado, escritor de romances e ensaios, no período se 1920/1930, mas que já trazia em si aspectos que estariam presentes na ideologia integralista.

O Estrangeiro, publicado em princípios de 1926 possui, a qualidade de marco inaugural do que, na perspectiva de Plínio, é a fase construtiva do modernismo de expoente histórico, que se funde com o movimento verdeamarelista, depois ANTA, que inegavelmente teve, naquele livro, um impulso determinante.

Plínio Salgado, ao longo de toda a sua obra, confere ao movimento modernista (o movimento verde-amarelo) a condição de estágio inicial do ideário integralista, e ao romance O Estrangeiro o caráter de seu primeiro manifesto.

Observa o líder do movimento integralista:

“O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do Avanhandara. A tragédia da raça e o poema lírico da Terra desvendaram-se aos meus olhos cantaram nos meus ouvidos. Uma noite, em que o acaso me levara a rua. Visconde de Parnaíba, em frente ao prédio silencioso da hospedaria dos imigrantes, senti a voz do destino, escrevi o primeiro capítulo de O Estrangeiro. Em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonarei esta batalha”. (8)

Caberá nesta tese determinar os aspectos do modernismo integralista presentes nos romances O Estrangeiro e O Esperado.

Quanto à questão do conservadorismo, o manifesto verde amarelo já deixava este aspecto bem evidente:

“Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo, que faremos a inevitável renovação do Brasil, como fez, através de quatro séculos, a alma de nossa gente, através de todas as expressões históricas”.

Segundo Wilson Martins, com o grupo verde-amarelo passamos da revolução literária, à Literatura Revolucionária.

“No Brasil, o ponto de ruptura parece haver ocorrido com o grupo verde-amarelo; á nesse momento, digamos, em 1926, que uma parte do modernismo aceita suas aplicações políticas inflectindo para a direita, como o Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Cândido Mota Filho, Menotti Del Picchia”.(9)

O nacionalismo literário ou nacionalização da literatura desemboca num nacionalismo político e no patriotismo exaltado de que são testemunhos os livros e a formação política de Plínio Salgado. Plínio várias vezes estabelece correspondências entre seus romances e suas idéias políticas, entre o movimento verde-amarelo e o movimento do Sigma:

“Será um pouco desagradável, mas temos que aceitá-lo: no destino e na natureza do Modernismo existia, não apenas uma vocação política, mas, ainda, uma vocação política totalitária; de Direita ou Esquerda, a verdade é que os tempos estavam maduros para um recuo espetacular da democracia convencional e para a desmoralização temporária das idéias liberais. (10)”.

Neste sentido é licito pensar que Plínio Salgado e Oswald de Andrade estavam muito próximos um do outro, em 1926 e nos anos seguintes, do que os dois gostavam de admitir posteriormente. Enquanto escrevia O Estrangeiro e fazia de um russo passavelmente socialista e messiânico a figura central do livro, “síntese de todos os personagens”, Plínio Salgado parecia muito mais atraído pela pregação de Lenine que pela de Mussolini:

“Na madrugada vermelha, Cristo surgiu blindado, - silhueta enorme de um carro de guerra. Era Lenine. Debruçava-se no peitoral dos séculos...”(11)

Os avanços científicos e tecnológicos do Brasil surgiram ao lado de ideais autoritários nos anos 20, num regime mais oligárquico que liberal. Os intelectuais brasileiros equivocadamente identificaram a modernidade com a tecnologia por si só. A

partir deste ponto temos o modelo modernista: uma tentativa de modernização seguindo a tradição; seguindo uma política de “desenvolvimento” orientada para satisfazer os altos níveis de consumo de uma pequena minoria. O modernismo brasileiro surgiu como modernização: adoções de novos padrões de consumo correspondentes a níveis mais elevados da renda, na ausência de desenvolvimento econômico. O modernismo brasileiro foi um movimento de modernização. Modernização da forma numa sociedade autoritária sem uma sociedade civil organizada.

O modernismo brasileiro foi um movimento de modernização das formas porque aqui encontrou um terreno fértil: uma ausência de tradição liberal em nossa formação. Tivemos no Brasil uma modernização autoritária, estruturada em arranjos políticos realizados pelo alto, excluindo as principais bandeiras democráticas de que se fizeram portadores os setores populares.

Com a modernização de 1922 novos astros assumem o papel predominante na Literatura Brasileira. O movimento modernista pretendia fazer uma transformação “radical” na Cultura Brasileira. De início seria um movimento de destruição da arte presa aos padrões neoclássicos do parnasianismo, destruição do moralismo nacional. Ao mesmo tempo seria um movimento de criação de uma linguagem nova, profundamente influenciada pela linguagem do cinema, desvinculada das conexões e fundamentada na montagem. Mas ao mesmo tempo os modernistas procuravam valorizar a “verdadeira” e “autêntica” Cultura Brasileira; tinham encontrado através de um saneamento, como dizia Carlos Drummond de Andrade, a verdadeira “tradição brasileira”. Todavia, como observa Helena Bomeny, passada a revolta continua a tradição... Ela continuava agora

nos anos 30, pela novidade de envolver a cultura em um projeto de Estado. O que resultaria do empreendimento? Uma política para o Estado ou de Estado para a nação? A vertente de modernidade que informou a política de Estado Novo, como sabemos, deixaria muito pouco espaço as categorias do pensamento romântico e as iniciativas culturais diversificadas, especialmente pela tensa relação que se estabelece entre propostas e institucionalização entre diversidade e uniformização. Nossos intelectuais literatos, nossos modernistas, escreveram-se distintamente na experiência política do varguismo estado-novista. As sucessivas frustrações de Mário de Andrade e o silêncio angustiado de Drummond são mais do que apenas reações de personalidades diferentes, obrigando-os a enfrentar a difícil tarefa de avaliação de um ministério tão controvertido como foi aquele em redor do qual tantas figuras ilustres estiverem, e, através do qual tantas decisões autoritárias nos impuseram.

A questão da obra de Plínio Salgado merece uma atenção especial até por ter ficado mal vista pelos poucos estudos literários brasileiros. Foi também; como observa o professor Héglio Trindade, desqualificado pela historiografia como um mero fascismo caboclo ou macumba para turistas como dizia Oswald de Andrade. A participação, porém, de ex-dirigentes integralistas em posição de destaque na conspiração e no golpe militar de 64, na liderança do congresso e no primeiro escalão do poder executivo durante a ditadura, levou Plínio Salgado, deputado na época a declarar que os integralistas estavam no poder. Tais fatos, associados a ausência de estudos sistemáticos sobre a Ação Integralista Brasileira (AIB) nos anos trinta, estimularam os pesquisadores a lançar um novo olhar sobre o papel do integralismo na história

brasileira. Pretendo ver as manifestações literárias de Plínio como modernista integralista, já que são escritos anteriores a 1932, mas com algumas características embrionárias do integralismo . Muito foi escrito sobre Mário e Oswald de Andrade e muito pouco sobre Plínio Salgado. Mas a história tem provado, devido à nossa tradição conservadora, que no Brasil, o integralismo não pode ser reduzido a um simples fenômeno de mimetismo ideológico, influenciado pelos movimentos e os regimes fascistas europeus.

Quanto ao conceito, 'o termo integralismo possui uma conotação precisa a partir da segunda metade do século XIX: designa uma concepção global e unitária do cristianismo, não só quando quer reafirmar a sua intangível integridade doutrinal, mas também e, sobretudo quando quer ser um sistema de vida e pensamento aplicável a todas as necessidades da sociedade moderna, no momento em que o liberalismo e, posteriormente, o socialismo pensam que a sociedade possui em si mesma os meios necessários para resolver seus problemas e que a religião deve ser uma questão privada, um simples problema de consciência. As premissas da concepção integral do catolicismo se encontram no Syllabus de Pio IX (1864), onde se recalca em termos explícitos a impossibilidade de a Igreja se reconciliar com a sociedade moderna, porquanto tal sociedade quer excluir a Igreja e a religião da vida pública. À concepção laica e privada da religião a Igreja opõe a sua concepção integral e confessional.' (12)

O Integralismo no Brasil surge embebido do conteúdo católico presente nos textos de Pio IX. A presença da concepção espiritualista católica na obra de Plínio Salgado surge de forma predominante. Mas para uma melhor compreensão do integralismo pliniano nada melhor do que mergulhar nos seus escritos em vinte volumes, nos seus estudos teóricos e nas suas obras literárias tão desprezadas pelos críticos da Literatura Brasileira. Temos que buscar a causa ou as causas deste desprezo. A chamada direita política brasileira, sempre foi criticada, apedrejada, e muito pouco estudada, embora tenha predominado no contexto político brasileiro. Surgem na

obra de Plínio Salgado dois momentos importantes: modernização formal e uma concepção cristã católica conservadora da sociedade chamada integralismo. Em conferência realizada em Coimbra no Centro de Academia de Democracia Cristã, Plínio Salgado, ao penetrar na questão religiosa, tinha uma visão muito limitada do materialismo histórico de Marx:

“segundo a concepção materialista da história, o fator determinante na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu, nunca afirmamos outra coisa. Se alguém em seguida torce esta proposição ao ponto de lhe fazer que o fator econômico é o único determinante, transforma-a numa frase vazia, abstrata, absurda. A situação econômica é a base, mas diversos elementos da superestrutura – as formas políticas da luta de classe e seus resultados (as constituições estabelecidas, uma vez ganha pela classe da batalha vitoriosa, etc) as formas jurídicas, e mesmo os reflexos de lutas reais o cérebro dos participantes (teorias políticas, jurídicas, filosóficas, concepções religiosas e o seu desenvolvimento ulterior em sistemas dogmáticos) – exercem igualmente a sua ação sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determina preponderantemente a sua forma. Existe uma interação entre todos esses fatores, no seio dos quais o movimento econômico acaba por abrir caminho, como uma necessidade através da multidão infinita de acasos (isto é, de coisas e acontecimentos, cujo vínculo entre si e tão longínquo ou difícil de demonstrar que podemos considerá-los como inexistente ou negligenciá-los). Se assim não fosse, a aplicação da teoria a qualquer período histórico seria, quanto a mim, mais simples do que resolução de uma mera equação de primeiro grau. Somos nós próprios que fazemos a história, mas, antes de mais, em premissas e em condições muito determinadas. Entre todas, são as condições econômicas que são finalmente as determinantes. Mas as condições políticas, etc, e mesmo a tradição que assedia o nosso cérebro, têm igualmente um papel, ainda que não decisivo. (13)

Esta reflexão de Engels vai de encontro ao conhecimento superficial que Plínio Salgado tinha do materialismo histórico. Nesta visão de mundo não dialético, Plínio Salgado estabelece a divisão entre o espiritualismo e materialismo, valorizando em sua obra a primeira concepção. Plínio não chegou a refletir sobre o marxismo como pensamento que segundo Heidegger, possui uma visão da história superior às

restantes interpretações. Plínio Salgado chega ao teleologismo cristão. Como observa Jerzy Toposky,

“o teleologismo (ou finalismo) é uma tese segundo a qual tudo na natureza e na sociedade esta organizada segundo um fim por uma força superior (Deus, por exemplo). Todo o elemento da realidade possui posição exatamente designada; o homem pode somente conhecer esta ordem mas não tem poder para mudar nada.” Uma visão dialética se afasta do teleologismo, “tudo está em contínua conexão entre si e sobre tudo age o homem e tudo age sobre o homem.”(14)

Plínio Salgado nasceu em São Bento do Sapucaí em 22 de Janeiro de 1901 e faleceu em 1975. Formado em Direito, foi redator do Correio Paulistano, deputado e fundador do movimento integralista em 1932. Participou na Semana de Arte Moderna em 1922; integrou os grupos modernistas Verde-Amarelo e Anta. Escreveu poesias,, romances e ensaios de crítica e história literária, assim como obras políticas de caráter doutrinatório sobre o Integralismo. Seu primeiro romance, O Estrangeiro, surgiu em 1926.

O nacionalismo talvez seja o elemento predominante na obra de Plínio Salgado. Mas quem começou a levantar esta questão no movimento modernista foi Menotti del Pichia. O Brasil, segundo Menotti, precisa ativar o culto de todas as suas tradições, tutelar o patriotismo de sua língua e preconizar uma política de incansável defesa do seu espírito nacional. Tornava-se necessário abasileirar o Brasil através de uma política de integração e expansão nacional. Interessado neste ideal nacionalizador, Menotti del Pichia, filho de italianos, opõe-se à constituição de uma Associação dos Filhos de Italianos Nascidos no Brasil, entidade de inspiração fascista que se pretendia fundar, com sede em São Paulo. Em vez desta entidade, Menotti defendia um amplo movimento nacionalista que integraria todos os estrangeiros que viviam no Brasil para

que daí surgisse uma raça que sintetizasse todas as contribuições do exterior. Menotti, mais tarde, passou de um nacionalismo estrangeiro para se integrar numa ideologia trabalhista, participando por vários anos do partido fundado por Getúlio Vargas.

O grupo literário Verdamarelo formado por Menotti del Pichia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Cândido Mota Filho, vai de encontro ao movimento “Pau-Brasil” de Oswald de Andrade. Os Verdamarelo traziam em seus ideais e preocupação político-social defendendo o fortalecimento do poder em face das ideologias estrangeiras, que segundo eles, perturbavam o país. Eram nacionalistas exarcebados e pretendiam uma síntese racial. O grupo Verdamarelo, após dois anos de posicionamentos mais políticos que literários, decide partir para ação, procurando analisar a vida brasileira e seus problemas, fundando o grupo Anta, título sugerido por Plínio Salgado. Do grupo Verdamarelo nasce também outro grupo: a bandeira, que defende um posicionamento de centro que irá desembocar no Estado Novo. Do grupo Anta nascerá o Integralismo de Plínio Salgado. Em 1926, no salão do Correio Paulista, Plínio Salgado pronuncia uma conferência com o seguinte título: A Anta e o Curupira (Considerações sobre a literatura moderna). Nestes escritos já estão presentes elementos que servirão de base para a consolidação da ideologia integralista. Estes escritos procuro conceituar como modernistas integralistas. Certos elementos da ideologia Integralista já estavam presentes na obra de Plínio antes de 1932. Segundo Plínio Salgado houve dois momentos preparatórios do movimento integralista de 1932: O verdeamarelismo e a revolução da Anta constituída por Raul Bopp e pelo próprio Plínio Salgado. O movimento Anta pregava a penetração nas raízes da alma nacional como primeiro

passo para despertar a nação. Para isso tornava-se fundamental o estudo das raízes indígenas e a leitura da obra de Alberto Tôrres, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna.

Quanto à presença de elementos ideológicos, o pensamento político-literário de Plínio Salgado no período de 1919 a 1930 está marcado por um misticismo condoreiro ou nacionalismo tupi. É uma fase eminentemente literária onde se encontram já em esboço muitos dos principais temas ideológicos que, na década seguinte, foram organizados, desenvolvidos e articulados por Plínio Salgado. Esta fase literária de Plínio Salgado eu a denomino em minha tese como modernista integralista.

Plínio Salgado chegou ao modernismo por intermédio de Menotti del Pichia. Todavia nunca foi um modernista convicto. Chegou a dizer que as revoluções da arte moderna eram um perigo para os povos sem cultura; eram elementos que contribuíam para a dissolução.

Cumprе ressaltar que nacionalismo, romantismo, nativismo e indianismo, surgem ao mesmo tempo no pensamento de Plínio Salgado, formando uma única unidade ideológica, presente no movimento Anta. É neste movimento que Plínio Salgado fundamenta e formaliza o seu nacionalismo tupi que seria uma não filosofia, uma ausência de sistematização. Salgado partia do pressuposto de que o tupi havia sido absorvido pelas outras raças que por aqui vieram, mas que, não obstante, havia permanecido vivo e dominante na personalidade dos que o haviam absorvido e conquistado. A história da raça tupi corresponde a um lento desaparecer das formas objetivas e a um crescente aparecimento de forças subjetivas nacionais. O tupi significava para Plínio a ausência de preconceitos. O tupi teria vencido dentro da alma e do sangue português.

A crítica que o grupo verdamarelo fazia à idealização do índio por José de Alencar, também estes modernistas o idealizaram, romanticamente, nos anos 20 através do movimento Anta.

2- O ESTRANGEIRO: A GÊNESE DO MODERNISMO INTEGRALISTA

O Estrangeiro possui para Plínio Salgado a importância de primeira fixação, em romance, do espírito moderno de estilo e da forma, posterior à revolução literária de 1922. Esta obra foi considerada pelo autor uma tentativa de apreender o sentido cinematográfico e o tumulto da vida contemporânea, um convite para a criação do romance moderno, como estilo, como forma, como arquitetura, como sentido de uma época.

Como observa João Alexandre Barbosa, O Estrangeiro tem a preocupação de fixar a fisionomia de São Paulo no início do século XX.

Em 1956 Plínio Salgado escreve sobre o trigésimo aniversário de seu romance O Estrangeiro:

“Passaram pela minha memória os quadros, as cenas, os homens da terra paulista naquele ano de 1926.”

Era o redator do “Correio Paulista”, que funcionava na rua João Bricola, com suas oficinas, redações e janelas abertas para a Praça Antônio Prado, abrangendo a nossa vista toda a Avenida São João, que do largo Paissandu em diante se estreitava, prolongando-se como rua até a Barra Funda.

Estávamos em 1922, ano do centenário da Independência e também da Revolução Literária que trouxe o modernismo as nossas letras, sob a influência da Itália e da França, principalmente da França.

Governava São Paulo o Dr. Washington Luis que tinha como Secretário do Interior e da Instrução Pública o grande polígrafo Alarico Silveira. Respirava-se na Terra Bandeirante uma atmosfera de vivo nacionalismo e brasilidade. Um grande educador,

Guilherme Kulmann, realizava o pensamento do Presidente dentro do Estado, criando nos Grupos Escolares um escoteirismo profundamente brasileiro e dando á Instrução Moral e Cívica um estímulo que desapareceu mais tarde com a calamidade política de 1930. Em todas as cidades paulistas ressoavam os clarins e rufavam os tambores. Meninos e meninas marchavam levando orgulhosamente a bandeira da Pátria.

A lavoura cafeeira, deslocando-se da zona da Mogiana para a Araraquarense, fazia brotar cidades novas no sertão do Tietê e do Rio Grande, derramando-se por outro lado as ribas do Paranapanema. De Bauru irradiava-se a investida dos pioneiros, pelos espiões onde hoje assentam as grandes cidades da Nordeste e da Alta Sorocabana.

Filhos do Brasil, vindos de todos os Estados, acorriam à faina de desvirginar as florestas e fundar grandes lavouras.

Foi em 1923 que Alarico Silveira me convidou para acompanhá-lo numa viagem a Araraquarense. O convite era certamente obra dos poetas João Silveira e Jose Lannes, oficiais de gabinete de Alarico e meus companheiros de redação no jornal. Com alvoroço, embarquei no noturno das dez horas da noite. Era a primeira vez que penetrava no interior paulista de Oeste, pois meu conhecimento da terra brasileira limitava-se até então ao Vale da Paraíba e ao Sul de Minas.

Era dia claro, quando avistei a primeira cidade da Araraquarense: Taquaritinga, onde não nos detivemos. Pouco depois, com os festejos do estilo, éramos recebidos em Catanduva.

Meus olhos maravilharam-se. Todos os telhados eram vermelhos, novos em folha. A cidade nova surgiu trazendo naqueles chapéus encarnados das casas a própria cor da Mãe Terra, a terra do sertão.

No dia seguinte, chegamos a Rio Preto, a capital daquela região. Gente de todas as feições, todas as procedências nacionais e estrangeiras circulava pelas ruas comerciais. Fordes das altas pernas fonfonavam levantando poeira roxa.

Ao terceiro dia, fizemos a mais desejadas das excursões, a Monte Aprazível, que estava nascendo com uma dúzia de casas, e a Cachoeira do Avanhandava.

Foi em Monte Aprazível que senti o primeiro toque de inspiração revelando-me o tema que desenvolvi depois do romance. Nossa primeira visita foi às Escolas Reunidas. No alto de um velho coqueiro já sem fronde, haviam hasteado a bandeira nacional. Ela flutuava num azul puríssimo onde um gavião, gritando, parecia querer despertar a alma da Pátria.

Meninos e meninas, fardadinhos de escoteiros, militarmente alinhados, romperam o Hino Nacional. As suas fisionomias revelavam o processo de caldeamento: europeus, asiático, negros, mulatos, caboclos, exprimiam-se num só tom cantando o Hino de Nossa Pátria.

Minha emoção era enorme, maior ainda ouvindo o discurso do diretor das Escolas Reunidas, a revelar, frase por frase, sua preocupação em plasmar, com espírito de brasilidade, sua noção do futuro.

Por outro lado andara hoje esse professor? Terá morrido? Estará vivo? Terá sabido que ali, naquele momento, ao lado dele, nascia o seu colega Juvêncio, em que pus a falar a alma do Brasil?

Havia, entretanto outra surpresa. A frente de uma manifestação popular a Alarico Silveira, veio o farmacêutico, Sócrates, que leu um discurso em que falava de Humbolt, de Martins, da terra brasileira, com um realismo geográfico, geológico, econômico, mas sobretudo com um calor nacionalista que punha nas palavras a vibração de uma labareda.

Nossos automóveis correram depois, em busca do Tietê, na direção de Penápolis. De um lado e de outro da estrada, os troncos negros das canjadas e das perobeiras queimadas, onde a passarinhada vinha pousar. E coqueiros recortando-se no fundo azul do céu. Eu ia perguntando ao caboclo que viajava ao meu lado, pelos nomes dos coqueiros. Aquele é Jerivá, este é o Baguaçu, e o outro é o Indaiá... Um poema ia nascendo dentro de mim, aquele que esta no capítulo XXIII de “O Estrangeiro”:

“O baguaçu é uma águia na ponta de uma lança”.

As macaúbas e macunas, os bacuris e buritis são rimas verdes no azul da canção nunca-mais da distância, acenando e fugindo...

Os indaiás flexíveis saiam como Salomé para dançar nos campos. Sua paixão pelos guerreiros brancos...

Mas a brejáuva deve ser a palmeira de Peri – um sonho interrompido de monção. Ânasia ribeirinha de pirogas dormentes, halouçantes na corrente, abandonados Igaras...”

“Porque os coqueiros têm as pernas tão compridas? Porque o sertão quer tão altas as pernas dos caminheiros?”

E assim por diante...

E eis que chegamos ao Avanhandava.

As águas ribombavam pelas pedras. Era a força da Pátria, convidando o homem Brasileiro a aproveitá-la. Era imagem das nossas potencias anímicas, que deveriam ser captadas e dirigidas no sentido dos grandes ideais.

Meus pensamentos tomavam corpo. O livro ia crescendo...

Almoçamos numa caldeirada de surubim. A mesa era alegre e cheia de juventude. Lá estavam o Ernesto Leme, o Kulmann, o João Silveira. Improvisamos versos. E, enquanto nos entretínhamos naquela ágape, Alarico atravessava o rio e chegava de surpresa a Penápolis, para uma visita ao grupo Escolar.

Representando a São Paulo, escrevi um artigo com o título “A Terra Jovem”, que o Correio Paulistano publicou.

Nunca imaginei que esse artigo fizesse tão grande sucesso. A imagem do velho tronco e enegrecido pela queimada, onde os periquitos pousaram, reverdecendo-o; a descrição das cidades de telhados vermelhos; o poema dos coqueiros; a descrição da bandeira hasteado no ponto do coqueiro decepado; e, sobretudo, no sentido, da nacionalidade, de entusiástica brasilidade, constituíram uma espécie de carta de Pero Vaz Caminha revelando a Capital o interior que alimentava sua grandeza. Os comentários que fizeram sobre este artigo evidenciavam a existência de um forte sentimento de Pátria nos corações da Grande Cidade cosmopolita. E esse fato consolidou ainda mais o meu espírito de a idéia do livro que o sertão me inspirara.

Posteriormente, em minhas funções de repórter, visitei a zona velha do café, viajando de Campinas para São José de Boa Vista. Uma típica fazenda dos tempos patriarcais apresentou-se aos meus olhos n trecho de Mogi Mirim a São João: “A casa

da fazenda trepava em alicerces de pedra e relampejando ao sol a fachada envidraçada com casas de marimbondos nos beirais. Havia uma capelinha ao lado direito(Capítulo IV)”. E a colônia: Casa retangular encimada por um Ângulo de telhas. Alinhava-se com mais vinte na eminência fronteira ã fazenda. Italianos e Espanhóis. Casinholas esparsas na planície: negros, cablocos “(Capítulo II)”. Ali próximo, um sítio: Nho Indalécio vivia uma vida à parte, num sítio pequeno, criando porcos...Abria uma pequena clareira de cereais no oceano do café.(Capítulo III)

Foi ali que criei a família Pantojo; a decadência dos paulistas antigos; a família Indalécio; a abandona classe dos pequenos proprietários rurais; e o tipo do Zé Candinho, o caboclo forte, oriundo das terras cansadas do Vale da Paraíba, mas inconformado naquela velha zona Mogiana, pronto para a aventura sertaneja que ele deveria apreender.

Minha experiência política em contato com os partidos municipais das pequenas cidades, cujos chefes iam ter comigo na redação do “Correio Paulistano” e que eram bem iguais aos que me fora dado conhecer na minha terra natal, ofereceu-me os dados psicológicos para a discrição de Mandaguari e de seus homens.

A vida industrial e comercial de São Paulo, na qual penetrei fundo trabalhando no escritório de Alfredo Egidio de Souza Aranha. A vida social paulistana que conheci, nas funções de jornalistas, oferecendo-me os tipos mais expressivos; a vida literária, em que me integrava, tudo eram elementos a se acumularem exigindo de mim o livro capaz de flagrantizar aquele histórico brasileiro, ao mesmo tempo adivinhado os dias futuros.

Não deixei, também, principalmente nos dias mais duros de minha mocidade, de conhecer os sofrimentos dos pobres, dos que padecem nos bairros humildes da cidade tentacular. Tinha eu, assim, por circunstâncias de minha própria vida, acumulado através da minha sensibilidade, todos os elementos das diversas estratificações sociais que formam o complexo da sociedade brasileira.

Corria o ano de 1923. O livro existia, apenas, na minha cabeça. Outros problemas de ordem técnicas se me apresentavam e me cumpria resolvê-los antes de pegar na pena para escrevê-lo.

Inquietavam-me vários problemas com a construção do livro: a sua arquitetura, o seu estilo. Num romance, há um trabalho de um arquiteto: a disposição dos assuntos, a seqüência dos episódios, das cenas e dos diálogos. E, em se tratando de um livro que deveria lidar, simultaneamente, com vários materiais sociológicos (a grande cidade, a pequena cidade, a fazenda, o sítio e o sertão) e os mais diversos aspectos psicológicos individuais, o problema se me apresentava difícil. Foi lendo a “Ana Karenina”, de Tolstoi, o melhor dos romances daquele escritor, como construção, onde ele joga, simultaneamente, com a cidade e o campo, que me orientei quanto a solução do problema. A forma e o estilo, porém, não poderia cingir-me ao modelo daquele autor, nem dos escritores realistas cuja influência tanto vem prejudicando a romancística dos chamados modernos brasileiros que vieram depois de mim. Nem o excesso descritivo dos naturalistas do tipo de Flaubert e Zola, nem os exageros declamatórios de Hugo ou de D`Annunzio; nem o aticismo frio de Anatole ou Machado, eram o que me convinha. O meu assunto não poderia exprimir-se num tom oratório de Graça Aranha ou através da riqueza verbal de um Fialho ou de um Euclides.

Estávamos em plena revolução literária e artística. Até aquele momento, muito se discutia, mas nada ainda havia se realizado em prosa moderna. A produção do modernismo era exclusivamente poética revelando-se em valores estirpe de Menotti, Guilherme, Ronald, Mário Andrade, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Tasso da Silveira, os grupos de Belo Horizonte e de Cataguazes. Os prosadores continuavam a escrever em forma e estilo velho, embora arremetendo contra estes.

Não sairia ainda um romance representativo dos ensaios renovadores da geração.

Mas esse fato não se observava apenas no Brasil. Também em outros países e especialmente na França, o romance dos chamados modernos em quase nada diferia dos antigos quanto à forma e a técnica de narrativa. E eu procurava o tipo de prosa adequado não somente ao meu assunto, mas também ao tempo em que vivíamos, de vida intensa e aceleração dos acontecimentos históricos e dos processos de transformação social.

Corriam os anos 1921 e 1923. Comecei minhas experiências nas colunas do “Correio Paulistano”. Eram os escritores que, posteriormente, saíram enfeixados num pequeno que intitulei “Discurso às Estrelas”, “Ali estão O Sentimento da Tragédia”, “Os bondes, os homens e a vida”, “O Desconhecido”, “O sonho do Bebê”, e outros escritos, onde se pode ver, claramente, o prenúncio da forma adotada em “O Estrangeiro”.

Se a forma, entretanto, é uma técnica, logicamente decorrendo da inteligência do autor, o estilo é um caráter, exprimindo na fisionomia verbal a própria fisionomia interior de quem escreve. É produto do sentimento profundo e, ao mesmo tempo, das reações das sensibilidades do artista, em fase do mundo exterior e das próprias

condições da sua subjetividade. Os estilos pó de sofrer influências entranhas, conseqüente de leituras, mas essa influência é superficial. Porque o estilo é a própria voz da personalidade.

Em princípios de 1924, julguei-me aparelhado para começar o meu livro. O que faltava, agora, era tempo. Meu trabalho era exaustivo e de lá saia as duas e meia da madrugada, quando eram encerrados os expedientes com os últimos telegramas da Agencia Havas. Naquelas frígidas noites paulistanas, ia a pé para casa. Deitava-me as quatro e levantava-me às oito, pois devia estar as nove da manhã no escritório, de onde saia as seis ou sete da noite, para jantar correndo e voltar ao jornal.

Um dia resolvi ficar apenas como colaborador do “Correio”, o que me deixou as noites livres. Chegara o momento de escrever o meu romance. Toda obra, entretanto, necessita do decisivo impulso inicial, resultado de uma inspiração momentânea. Os escritores sabem o que significa este “toque de graça” da inspiração. O verdadeiro escritor não escreve quando quer, mas quando se sente solicitado para fazer. A solicitação é forte e irresistível. Aguardei esse instante. E ele chegou quando eu menos esperava.

A serviço do escritório onde trabalhava, tive de ir uma noite ao bairro da Moóca. No regresso, paguei um bonde (o número 16 da linha Borges de Figueiredo), sendo eu o único passageiro. A certa altura, o bonde parou, por qual motivo, na rua Visconde de Parnaíba, durante uns dez minutos. O silêncio era completo. Eu estava em frente a um grande portão, onde havia estas palavras: “Hospedaria de Imigrantes” e mais estes dizeres: “Departamento Estadual do Trabalho”. Nas trevas noturnas, o edifício ao fundo parecia concentrar-se numa meditação. Pensei: alguém deve estar

pensando dentro daquele prédio. E, súbito, senti a inspiração definitiva de “O Estrangeiro”.

Não sofri esperar a lenta viagem do bonde. Na avenida Rangel Pestana, apanhei um táxi e corri para casa, que era na rua Barão de Tatuí, no bairro de Santa Cecília. Todos em casa dormiam. Somente me esperava, acordado, o meu gato “Cajado”, de pêlo pardo e pelo branco, que subiu a mesa para me ver escrever, como era seu habito. Peguei a caneta e saíram as primeiras frases do livro:

“Na noite espessa, os gritos das locomotivas cruzavam-se repentinos, como meteoros de som”.

“Adivinhavam-se os vultos pardos dos edifícios lavados pela verde surdina dos lampiões e gás.”

“E os cochichos do vento arrepiavam os ouvidos dos plátanos sensíveis.”

“Ivã pôs-se a contar as pequenas lanternas verdes, vermelhas, azuis, espalhadas ao longo da via-férrea, até a estação do Norte, ao Pari, á Luz. E ouvia o ressonar dos companheiros – campônios lombardos, brônzeos calabreses – espuma da taça transbordante aliviada no dorso do oceano...”

Na manhã seguinte, reli o capítulo e lhe pus um título: “Piatininga”. E todas as noites, com raríssimas interrupções, quando todos dormiam, estávamos eu e o Cajado a escrever nosso romance. Quando as horas avançavam demasiadas, ele se impacientava e tava tapas na minha pena, como se dissesse: basta, vamos á ceia...

Todas as noites, antes de iniciar o meu trabalho, vinham alguns amigos ouvir o que eu escrevera na véspera. Eram Ernani de Cunto, Manuel Mendes, Mario Graciotti, Fernando Calage, e quando o livro estava mais adiantado, Cassiano Ricardo.

Em 1925, enfermado minha mãe da moléstia de que veio a falecer, preciso ir para nossa terra natal, com minha irmã e minha filha, fechando-se nossa casa. Levaram também o Cajado. Com meus dois irmãos, mudei-me para a pensão Avenida, que se tornou famosa na vida literária paulistana.

Eram freqüentadores do meu apartamento Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Mario Gracioti, Manuel Mendes, Gabriel Marques, Plínio Melo, Augusto Frederico Schmidt. Discutia-se literatura, política, filosofia, sociologia. La-se á noite ao “Correio Paulistano”, onde encontrávamos Menotti, Mota Filho, Alfredo Elis, e todos os escritos e poetas que passaram por São Paulo. Ou, então, á Agência Brasileira, para as conversas com Jaime Adour da câmara e os três marxistas Mario Pedrosa, Araújo Lima e Alberto Araújo.

Foi em princípios de 1926 que Cassiano Ricardo me pediu os originais de “O Estrangeiro” para ler com vagar em casa. Devolveu-me com as provas tipográficas. Alarimei-me. Eu estava dominado por um grande receio, sem ânimo de publicar livro. Mas Cassiano e Menotti haviam fundado uma Gráfica Editora, a Hélios Ltda., e resolveram lançar a “Coleção Verde-Amarelo”, começando com os seguintes livros: “Chuva de Pedra” (poesia), de Menotti; “Borrões de Verde-Amarelo”, de Cassiano; e “O Estrangeiro”...

As segundas provas, não as li. Encontrava-me em São Pedro do Sapucaí, ao lado do leito de minha mãe. Ali recebi um exemplar recebido pelo Cassiano. Nem tomei conhecimento da crítica. Meu maior desgosto foi pelo fato de minha mãe não ter podido ler meu livro. Viu o volume, olhou-o, para ler quando melhorasse, mas o livro ficou sozinho no seu quarto vazio...

Quando regresssei a São Paulo, Calage havia colecionado as criticas: Tristão de Ataíde, Nestor Victor, Jackson de Figueiredo, Monteiro Lobato, Mota Filho, Andrade Murici, Agripino Grieco, Jose Américo de Almeida, Nuto Sant`Ana, Francisco Pati, Luis Delgado, Afrânio Peixoto e uma quantidade de artigos dos jovens de minha geração.

O livro esgotara-se em 30 dias.

Estava lançado, com ele, um grande movimento nacional, que mais tarde se corporificou na “Ação Integralista Brasileira”.

Ao se completarem 30 anos de sua publicação, “O Estrangeiro”, tornou-se de uma atualidade impressionante. Mais do que nunca, nesta hora desgraçada da vida nacional, é a Juvêncio que temos que apelar, contra as indefinições de Ivã e o vergonhoso apodrecimento dos Pantojos que constituem a nossa torpíssima burguesia.(15)

Uma leitura atenta do “O Estrangeiro”, não poderá dispensar estas longas reflexões de Plínio Salgado sobre seu primeiro romance publicado num momento de transformações formais na Literatura Brasileira. Aqui estará lançada, segundo seu próprio autor, a base ideológica de um movimento político que surgirá em 1932.

O Estrangeiro publicado em 1926, procura fixar, segundo Plínio Salgado, aspectos da vida paulista nos últimos dez anos: a vida rural, a vida provinciana e a vida na cidade, corporificada nas diversas personagens, assim como assinala também a presença dos imigrantes no meio rural e urbano de São Paulo caracterizados em pequenos capítulos, fragmentos. O romance organiza-se questionando a formação de uma raça brasileira que, segundo Plínio Salgado, não existe ainda um sentido integral:

[...] aqui é o homem que age, em cada tipo, de cada raça, da cada cruzamento, todos isolados e dispersos, até o dia em que fundirem no indivíduo coletivo.(16)

Uma das características essenciais de Plínio Salgado é a aceitação da forma e a negação do espírito moderno que seria substituído pelo ideal conservador não mais caracterizado na arte e sim no embate político-ideológico pautado numa ideologia antidemocrática e autoritária, o integralismo. Como observou com muita propriedade Mario Carelli, quanto ao romance O Estrangeiro surge:

[...] “um silêncio desagradável devido, em grande parte, a evolução política de Plínio Salgado, fundador e animador do movimento integralista”. (17)

E, no entanto ele teve duas edições sucessivas no ano da sua publicação (1926), tendo sido saudado por Monteiro Lobato como: a mais pura revelação artística dos últimos tempos.

Tentaremos rele-lo à luz do que sabemos sobre o contexto da época.

Dedicando-se a apresentar os aspectos da vida paulista em torno de 1910, Plínio Salgado faz de Ivã, emigrado russo, o personagem culminante do livro. Logo de saída, o herói tem uma visão mítica do Brasil, partilhado por inúmeros emigrantes:

Aqui sem prerrogativas de nascimento, sem brasões de armas, efetiva-se o ciclo da evolução social. O homem entra pela porta da escravidão e sai pela da opulência[...] (18)

Este será efetivamente seu itinerário, pois torna-se-á um poderoso industrial. Mas ele terá sempre a consciência de permanecer basicamente um estrangeiro (19).

Plínio Salgado não se interessa absolutamente pelos ídolo paulistano, por outro lado ele é movido por opções ideológicas que, pouco depois se tornarão nitidamente políticas. Ele chegará até mesmo a afirmar que iniciou sua campanha nacionalista com

O Estrangeiro, desfazendo-se da fase irreverente da destruição literária e anarquia intelectual dos anos anteriores.(20)

Como podemos ver esse nacionalismo vem em Plínio Salgado organizado numa perspectiva reacionária onde só o brasileiro conhece realmente a realidade nacional.

Apesar da modernidade nem sempre convincente de seu estilo e da atualidade do fenômeno social que ele quer mostrar, Plínio Salgado se faz o arauto de reação nacionalista retrógrada. A conclusão de Juvêncio a respeito de Ivã é significativa:

“Ele aprendeu o idioma, porém, não penetrou seu íntimo sentido. Só os brasileiros podem receber as formidáveis intenções de sua terra”.(21)

Nesta perspectiva de nacionalismo exarcebado o romance procura se estruturar criando um romance de idéia, misto de romance-ensaio e romance-poema.

É singular mas inoperante, a estrutura de O Estrangeiro, que pretende simbolizar um Brasil movediço. O personagem protagonista é criado por outro personagem que escreve um livro com este título – O Estrangeiro; por Juvêncio de Unhõa (personagem que não é narrador, mas personagem-chave, que abandona a literatura e a capital para construir no interior, um Brasil do futuro). Livro escrito por um e determinado por outro.(22)

O Estrangeiro procura caracterizar São Paulo no início do século XX com todas as contradições de um país europeizado, que nasceu velho como toda América.

Todavia, como observa Dirce Côrtes Riedel,

[...] a preocupação de doutrinar sobre a arte não corresponde, nos romances de Plínio Salgado, a utilização dos processos preconizados. A arte deve ser “sintética, simultânea, dinâmica, intencional”, para atender às exigências do mundo de hoje.(23)

A forma reflete as transformações técnicas por que passava São Paulo naquele momento. Mas toda esta modificação formal não se identifica com a mensagem que pregava um modelo racista e conservador. A inovação formal surge paralela ao conservadorismo. O romance O Estrangeiro está dividido em três partes: A terra do Saci, O Boitatá e a Cabeça da mula sem cabeça. Cada parte está dividida em capítulos que por sua vez se dividem em fragmentos. Cada capítulo está dividido em vários mini capítulos. A primeira parte apresenta a chegada dos imigrantes ao Brasil. A forma metafórica, poética já está presente nas primeiras linhas do romance. Os recursos próprios ao texto poético estão presentes e são utilizados com muita propriedade: “na noite espessa os gritos das locomotivas cruzavam-se repentinos, como meteoros de som”:

A presença das prosopopéias e comparações surgem com freqüência no texto: “E os cochilos do vento arrepiam os ouvidos dos plátanos sensíveis”. Todo o romance está organizado em frases entrecortadas, caracterizadas por raras presenças dos períodos compostos por subordinações e uso freqüente de períodos curtos coordenados próximos uns aos outros formando unidades breves.

Aconteceu que os porcos de Nhô Indalécio aventuraram excursões pela fazenda.
 Martiniano mandou avisa-lo que mataria os bichos.
 Indalécio pôs mais um fio de arame na cerca. Os suínos eram teimosos. Romperam a barreira entraram insolentes como hussardos.
 Trocaram tiros de espingarda.(24)

Outro aspecto importante nos romances de Plínio Salgado é o narrador. A preocupação de o narrador está vinculado à própria sobrevivência de um estilo de romance caracterizado pelo narrar que segundo Walter Benjamin tende a desaparecer

da sociedade caracterizada pela informação. Numa época em que a manipulação suprime toda a possibilidade de liberdade, a obra de arte perde a razão de ser, já que a função atual é de destruir a onipotência da realidade fenomênica em busca constante da essência do real. Tanto Lukács quanto Benjamin e Adorno seguiam a esperança de Brecht ao defender a necessidade das transformações formais:

As contradições são esperanças. Indispensável é dispor de muitos modelos. A coisa mais instrutiva é o confronto.

Vendo certos aspectos da literatura a partir de um prisma diferente dos tradicionais Lukács escreveu um ensaio sobre a questão do narrar e do descrever na ficção:

O estilo do romance vem determinado pelo tipo de relações recíprocas existente entre o ser e a consciência, entre homem e o mundo circundante.

Ou ainda:

Toda a estrutura poética é profundamente determinada, exatamente nos critérios de composição que a inspiram, por um dado modo de perceber o mundo.

Neste magistral ensaio Lukács estabelece uma reflexão crítica sobre a questão do participar ou observar (narrar ou descrever) como essencial para a sobrevivência dos nossos romances em nossos dias onde a informação se sobrepõe à narração. Partindo de uma reflexão sobre o romance europeu do século XIX Lukács chega ao romance contemporâneo na União Soviética onde em determinado período o neonaturalismo se afirma calcado numa perspectiva descritiva totalmente esquemática e superficial:

[...] o contraste entre o participar e o observar não é casual, pois deriva da posição assumida pelo escritor em fase da vida, em fase dos grandes problemas da sociedade, e não de emprego de um diverso método de representar determinado conteúdo ou parte de conteúdo.(25)

O essencial é caracterizar a descrição como o aspecto intrínseco da vanguarda literária desvinculada de qualquer compromisso.

O que nos importa é saber como e porque a descrição que originariamente era um entre muitos meios empregados na criação artística (e, por certo, um meio subalterno) – chegou a se tornar em princípio fundamental da composição. (26)

Como podemos observar, narração para Lukács já traz em si os pressupostos fundamentais para a criação do romance. A narração é superior a descrição porque “a narração distingue e ordena. A descrição nivela todas as coisas”.

A destruição da narração implica para Lukács a destruição da possibilidade da criação romanesca onde narrar significa assumir uma posição diante do mundo. Como observa Adorno é impossível narrar, porém a forma do romance exige narração:

Do mesmo modo que a pintura perdeu muito de suas tradicionais tarefas da fotografia, assim perdeu o romance por causa da reportagem e dos meios da indústria da cultura, especialmente o filme. O romance teve que se concentrar naquilo que não pode ser satisfeito na informação. Porém, diferentemente da pintura, em sua emancipação do objeto o romance encontra com limites determinados pela linguagem e o obrigam a assumir a ficção da informação: conseqüentemente Joyce fundiu a rebelião d romance contra o realismo com uma rebelião contra a linguagem discursiva.(27)

Todavia esta rebelião se estabelece na medida em que passamos a viver numa sociedade na qual os homens estão afastados uns dos outros e cada qual de si mesmo. Na transcendência estética se reflete o desencanto do mundo.

Passamos a ter atualmente segundo Adorno epopéias negativas que são caracterizadas pela presença da ambigüidade já que não está em suas mãos decidir se a partir de determinado momento chegaremos à barbárie ou a realização da Humanidade.

Walter Benjamin também estabelece uma reflexão que concorda plenamente com determinadas posições defendidas por Adorno; segundo Benjamin:

[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar definitivamente; quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se tivéssemos privados de uma faculdade que parecia segura e inalienável: a faculdade intercambiar experiências: (28)

Os meios de comunicação de massa são, segundo Benjamin, os principais responsáveis pela decadência da narrativa:

[...] cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.(29)

O que se propõe são inovações técnicas e não uma renovação espiritual, como proclamam os fascistas.

Torna-se então fundamental reconhecer a historicidade das formas.

Nem sempre houve romances no passado, e eles não precisarão existir sempre, o mesmo ocorrendo com as tragédias e as grandes epopéias.

Como bem caracterizou Adorno,

[...] o centro da filosofia de Benjamin é a idéia da salvação do morto como restituição da vida desfigurada por meio de concretização de sua própria coisificação até o inorgânico mesmo.(30)

Toda esta questão está fartamente desenvolvida em obra fundamental para a compreensão da arte moderna e do pensamento de Walter Benjamin, Origem do Drama Barroco Alemão, onde a estética da alegoria vem apresentada como o ponto central das idéias do grande pensador alemão.

Benjamin estabelece em sua obra uma crítica filosófica cujo objetivo é mostrar que a função da forma artística é converter em conteúdos de verdade, de caráter filosófico, os conteúdos factuais, de caráter históricos, que estão na raiz de todas as obras significativas. Como podemos observar Walter Benjamin faz uma ampliação do problema do narrador para além de suas implicações meramente técnicas onde se torna fundamental a questão do desaparecimento da arte de contar, no mundo moderno, juntamente com a perda da capacidade de trocar experiências, num mundo dominado pelas informações jornalísticas e pelas técnicas de produção e reprodução em série. Num ensaio em seu livro *Ângelus Novus*, Benjamin observa que a medida que se desenvolve os meios de comunicação, a pintura perde sua importância ao nível informativo. Como reação contra a fotografia, ela começa por enfatizar os elementos coloridos da imagem. Passando do impressionismo ao cubismo, vai depois criar para si um novo domínio em que a fotografia é de início, incapaz de segui-la. Também o romance em nossos dias sofre transformações em suas técnicas de construção: os indivíduos quase totalmente desindividualizados – são lançados no turbilhão de uma mensagem de monólogos interiores, notícias de jornais, estatísticas, cartazes de

propagandas, informações públicas e meteorológicas, itinerários de bonde – montagem que produz a maneira de rapidíssimos cortes cinematográficos, o redemoinho da vida metropolitana. O pressuposto da objetividade ou o princípio segundo o qual a narrativa deveria contar-se a si mesma, sem a intervenção do narrador, é expressão de uma visão realista que, juntamente com o próprio gênero romanesco entre em crise no século XX.

Na verdade, no nosso século a narrativa se fragmenta em múltiplos centros. Entramos a desconfiar das visões totalizadoras e explicativas do universo, porque o vemos dividido e caótico. Contudo o princípio totalizante sustentou boa parte da produção romanesca do século XIX e boa parte da produção teórica sobre o foco narrativo, no século XX. Atualmente nem a religião nem a ciência conseguem mais apaziguar a nossa insegurança e a nossa desconfiança.

É interessante observar como no romance O Estrangeiro, o século XIX e o século XX convivem lado a lado na estrutura do romance. Como observa Dirce Cortes Riedel; a imagística possui recursos plásticos onde o bom gosto se estabelece:

“O crepúsculo garrafa de vinho tinto quebrava-se na cabeça noturna da montanha ao longe. O mato vestiu o pijama violeta. E veio a estrela da tarde como uma vela na mão da noite estalajadeiro, que trazia na outra mão o corpo d’água da lua”.(31)

Por meio de uma oratória de pregação doutrinária o narrador e personagens assumem uma função bem peculiar no romance. Não podemos esquecer que as questões técnicas no romance estão profundamente interligadas aos problemas ideológicos e epistemológicos. A partir de uma ótica doutrinária temos no romance a

presença do autor onisciente intruso, ou seja, o tipo de narrador que possui espaço para narrar a vontade, de posicionar-se sobre ou por trás, dos personagens intrometendo-se para estabelecer comentários sobre a vida, a realidade brasileira, a questão racial e todos os problemas mais profundos que delimitam o universo do romance: “Sentiam Humberto e Policena, nhá Gertrudes choramingas, o mormaço modorrento, uma lagoa parada de ausências, de vagas esperas insensatas, rastros aéreos de coisas que já não existem”. (32)

Em O Estrangeiro ao lado de uma organização frasal típica do romance moderno do século XX, temos a presença do narrador onisciente intruso típico dos séculos anteriores:

“Muito comum no século XXVIII e começo do século XIX, o narrador onisciente intruso saiu da moda a partir da metade desse século, com o predomínio da “neutralidade” naturalista ou com a invenção do discurso indireto livre por Flaubert que preferia narrar com se não houvesse um narrador conduzindo as ações e as personagens, como a história se narrasse a si mesmo”.(33)

O que compromete o romance de Plínio Salgado é a distonia entre a fábula e a trama, ou melhor, entre o plano da história narrada e o discurso do narrador.

Num universo onde o racismo, o conservadorismo e o irracionalismo se afirmam, a autoridade do narrador se estabelece. Cada personagem delimita determinada idéia não assumindo uma perspectiva particular. No prefácio da primeira edição do romance O Estrangeiro Plínio Salgado estabelece uma vinculação entre os personagens e a idéia representada: Ivã, para o autor, é a figura culminante do livro. Síntese de todos os personagens. Consciência de todos os males. Ação norteada por um idealismo “a priori” anulado pelos ceticismos cruéis, em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador. Pletora de personalidades contrastes e incapazes..

Juvêncio é o mestre-escola que incorpora o nacionalismo latente e a visão de mundo narrador. Temos em O Estrangeiro a presença dos personagens planos ou seja daqueles que dependem do meio para adquirir suas individualidades, assim relativa, moldada pelo ambiente social em que vive, dela recebendo influência dominante.

O finalismo histórico, o racismo, irracionalismo e formalismo são os momentos essenciais no romance O Estrangeiro.

Um aspecto interessante no romance O Estrangeiro é que o uso do narrador em terceira pessoa não traz para o romance a impessoalidade e cientificidade desejada por Flaubert em seus romances.

A questão da visão fatalista da história surge na obra de Plínio Salgado; porém é uma constante na ideologia nacional e acompanha o pensamento brasileiro durante muito tempo. No romance O Estrangeiro o fatalismo, princípio fundamental das ideologias reacionárias, surge como ponto central que delimita a doutrina integralista, já existindo de forma embrionária no texto de ficção. Carmine Mondolfi, o patriarca, na sua penúria, tinha uma grandeza estranha de predestinação. “Ivã sentiu formidável; o peso da fatalidade”. Predestinação e fatalidade, palavras chaves para a compreensão do fatalismo histórico. Aqui surge uma preocupação básica: a recorrência da à História, refutada por Wellek, utilizada adequadamente, torna-se importante no exame do literário do ponto de vista da sociologia literária:

[...] a literatura comparada, sendo uma atividade crítica, não necessita excluir o histórico (sem cair no historicismo), mas ao lidar amplamente com dados literários e extraliterários ela fornece à crítica literária à historiografia e à teoria literária uma base fundamental. Todas essas disciplinas concorrem em conjunto para o estudo do literário, resguardada e especificidade de cada uma. (34)

Como observou Tânia Franco Carvalhal, Bakhtin e Tynianov não ficaram restritos as concepções intrínsecas dos formalismos ortodoxos e resgataram suas ligações com a história, principalmente Mikhail Bakhtin em obra recentemente publicada no Brasil; uma leitura ideológica torna-se fundamental para a compreensão e aprofundamento dos estudos literários:

“a ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura. A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global na cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores sócio-econômico, como é prática corrente. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a literatura. Por muito tempo, concedeu-se uma atenção especial ao problema da especificação da literatura. Cumpre reconhecer que essa especificação estrita é totalmente alheia á nossa tradição científica no que ela tem de melhor. Basta lembrar a abertura do horizonte dos estudos de Potesnia, Veselovski. Tomados de entusiasmo pela especificação, alguns deliberadamente ignoraram os problemas de interdependência e de interação entre os diferentes campos da cultura, esquecendo muitas vezes que a fronteira entre esses campos não são absolutas, que cada época as traças a seu modo; ignoraram que não é dentro dos campos fechados em sua própria especificidade, mas por onde passa a fronteira entre os campos distintos que o fenômeno cultural e vivido com mais intensidade e produtividade”. (35)

A questão do determinismo torna-se essencial para uma maior reflexão sobre determinados aspectos presentes no romance O Estrangeiro.

As palavras destino e fatalidade são as que mais estão presentes no romance. Também os textos de Hitler e Mussolini usam estes termos com bastante frequência. Não é a verdade que forma o líder mas sim o destino e a fatalidade. O líder já nasce predestinado. As elites já nascem predestinadas a comandar. Teríamos aqui a formação da comunidade racial superior as outras raças. Só determinada raça , na concepção racista e fatalista da história, está predestinada ao comando e a

escravização das raças ,segundo essa concepção, inferiores. Esta concepção do mundo vai de encontro ao materialismo histórico que após quedas e transformações de regimes ainda permanece de pé nas palavras de Marx no 18 de Brumário de Louis Bonaparte:

[...] os homens fazem sua própria história, mas não fazem segundo a livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, as circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas. A tradição de todas as tradições mortas pesa sobre os cérebros dos vivos como um pesadelo. E mesmo quando estes parecem preocupados a revolucionar-se, à si e as coisas, mesmo de criar algo ainda não existente, é precisamente nessas épocas de crise revolucionária que esconjuram temerosamente em seus auxílios os espíritos do passado, tomam emprestados o seu nome, as suas palavras de ordem de combate, a sua roupagem para, com estes disfarce de velhice venerável e esta linguagem emprestada, representar a nova cena da historia universal.(36)

Os espíritos do passado estavam rigidamente presentes ao lado dos recursos formais modernos numa defesa de um nacionalismo racista antiprogressista profundamente conservador. Como observa Topolski, “o fatalismo pressupões que, independentemente da ação humana, a história segue em determinada direção”. (37)

Esta concepção anula o papel do homem na história como capaz de transformar o mundo. O irracionalismo racista torna-se evidente no romance e acompanha a tragédia do personagem Ivã do primeiro aos últimos capítulos onde O Estrangeiro é caracterizado fatalisticamente como o ser que jamais poderá compreender o poder da essência da nacionalidade brasileira.

Personagem criado por outro personagem: Juvêncio de Uilhôa, que, como observa o narrador, “pode bem ter sido uma mera criação”.

Para um maior aprofundamento do romance O Estrangeiro cumpre assinalar dois personagens que são essenciais no contexto ideológico de Plínio Salgado: Ivã, o

imigrante, e Juvêncio de Ulhôa, o brasileiro nacionalista com o qual o narrador se identifica. Como observa Héglio Trindade “não se pode compreender a ideologia integralista sem penetrar no significado dos romances de Salgado, onde se encontra sua interpretação de realidade brasileira, num período de ebulição política e, ao mesmo tempo, alguns temas de sua concepção ideológicos através de manifestações de certos personagens”. A questão do imigrante personificado no personagem de Ivã e as discussões nacionais presentes nas idéias do personagem Juvêncio centralizam os aspectos essenciais do romance O Estrangeiro. O pensador integralista já existia embrionariamente no romancista. O romance O Estrangeiro no primeiro capítulo apresenta ao leitor dois aspectos: a turbulência da metrópole e a chegada do imigrante Ivã neste contexto urbano. Como podemos observar no texto surge uma diferença entre os italianos que conseguem progredir e se integrar, formando um todo nacional e os imigrantes que já estão predestinados a não sobreviver. A questão, que surge no início para Ivã é a dificuldade de adaptação entre os imigrantes italianos. Estes, por sua vez, não viam como bons olhos os imigrantes russos: “para a lavoura, os russos não prestam. Vadios e insolentes. Além do mais anarquistas”.

Um italiano traduziu para sua língua as palavras do fazendeiro. Ivã agradeceu com um olhar suave, em que brilhava sua revolta. Baixou a fronte”.

Como podemos observar, através de diversos exemplos, a ascensão social e econômica dos imigrantes italianos é possível ao contrário do imigrante russo Ivã que, após uma ascensão econômica, chega ao suicídio. A grande estima de Plínio Salgado pelos italianos é patente e todos eles que chegam conseguem progredir economicamente e socialmente servindo de modelo: “o major Feliciano não admitia que

estrangeiros governassem. Em Mandaguari, o prefeito era italiano”. Estes são os portadores da ideologia “progressista”. É patente o desprezo de Plínio Salgado pelos imigrantes anarquistas; estes nada trazem de positivo para o mundo: Carmine Mandolfi, o patriarca, na sua penúria, tinha uma grandeza estranha de predestinação. No capítulo XXX Ivã define e compara sua situação com os italianos: “sou O Estrangeiro completou Ivã. O vão decifrador de enigmas... Porque Humberto, apesar de italiano, não é um estrangeiro”.

O italiano traz para aqui uma força de íntima coesão, que o mantém de pé, e faz a terra. Eu, nada trouxe se não a minha dúvida... Quanto às lutas sociais observa Ivã: “A vida é uma luta brava, mais vale lutar na luta do que contra a luta, é inútil o sacrifício em prol dos outros. A vida será sempre assim... Por tanto é tratar de sofrer, porém subindo sempre!”. Mais uma vez aqui tem a impotência diante do mundo, pois “a vida será sempre assim...” A concepção fatalista e irracionalista se apresenta mais uma vez. Para que as lutas sociais de operários se segundo Plínio Salgado, nada mudará? Todavia dados concretos provam que a luta operária em São Paulo no período de 1920 a 1930 foi importante para a melhoria de vida dos trabalhadores; tão importante que foi preciso a revolução de 30 para eliminar a luta operária que tomava corpo e assumia feição perigosa para a ordem estabelecida.

Como observa Ítalo Tronca na realidade, as novas autoridades sobre a liderança de Vargas, nada mais fizeram do que aperfeiçoar os mecanismos de controle sobre o movimento operário. Nesta tarefa, Vargas e sua equipe desencadeiam duas frentes de combate ao “comunismo”.

Com o objetivo de aprimorar o aparelho repressivo, uma das principais providências do “revolucionário” Batista Luzardo, novo chefe de polícia do Rio de Janeiro, foi a contratação, em março de 1931, de dois técnicos de departamento de polícia de Nova Iorque, a fim de organizar, no Brasil, um “serviço especial de repressão ao comunismo” nos moldes do existente nos Estados Unidos.

No Pará o coronel Landi Sales, nomeado por Vargas governador militar, mandou afixar uma ordem que deixava pouca margem a dúvida sobre as intenções da revolução:

O governo militar mandará passar pelas armas, em praça pública, todo aquele que, estrangeiro ou não, propalar ou der cursos a boato sobre assuntos de propaganda comunista, tentando, assim enxavalar os grandes e nobres princípios da Revolução Brasileira

Em São Paulo, o “tenente”, João Alberto, inventor Federal do Estado, é alvo de violência campanha por parte do empresariado ao decretar um aumento de cinco por cento nos salários. Enquanto aos demais interventores dos outros estados não davam tréguas ao movimento operário, reprimindo com maior dureza do que o governo de Washington Luis; João Alberto foi acusado de “moleza” para com o comunismo, por permitir, entre, outras coisas, que alguns líderes se esquerda se refugassem em São Paulo. No curto espaço de um mês, o interventor passou de sua política de “abertura” ao cerceamento do direito de associação, a censura da imprensa e a prisão de operários.(38)

Todas estas lutas sociais estavam presentes em períodos anteriores a 1930 não surgem bem caracterizadas no romance O Estrangeiro. As lutas operárias surgem de forma estereotipada onde os operários da fábrica de Ivã reagem ao movimento grevista em evidência em São Paulo naquele momento: “Ivã notara que durante a greve, os seus operários foram de uma indiferença cruel para com os camaradas de outras fábricas. Houve misérias extremas nos dias negros, e eles sorriam pálidos, numa

desumanidade marmórea”. Como podemos observar a visão fatalista vai de encontro aos fatos que ocorriam no contexto histórico brasileiro. Esta visão está presente nas palavras de Ivã: “Por enquanto, cada um de nos constrói o seu próprio eu. Somos a pluralidade heterogênea... Por isso, com a mesma facilidade com que o povo paulista vier a adquirir uma revolução vitoriosa, desinteressar-se-á por ela, no dia seguinte. Não surge no texto a questão de como as revoluções surgem no Brasil como estratégia de dominação da classe operária, aspecto totalmente distante no romance O Estrangeiro”.

Como observou com muita propriedade Ítalo Tronca o advento da “nova ordem significou antes de mais nada, a progressiva implantação de um projeto totalitário onde o poder está presente também nos ideais integralistas já existentes de forma embrionária no romance O Estrangeiro: banindo do espírito das veleidades literárias, mergulhado na vida prosaica do interior, ateou um novo fogo no seu coração. Ouviu o apelo de seu sangue e a voz de sua terra. Imaginou trabalhar, modesto mestre escola, pela criação da Pátria Integral, com sua consciência própria, sua aspiração, seu tipo definido. No borborinho de raças, que tarvelinhava a superfície da terra, a escola podia bem ser um centro de gravidade. Outro aspecto bem evidente neste texto é a presença do indigenismo conservador numa reação ao urbanismo nacional e numa defesa do caráter rural brasileiro como uma força misteriosa e superior, formadora do caráter nacional. Numa outra perspectiva observou Sérgio Buarque de Holanda que o predomínio esmagador do ruralismo, segundo todas as aparências, foi antes um fenômeno típico do esforço dos nossos colonizadores do que uma imposição do meio. E vale a pena assinalar-se isso, pois parece mais interessante, e talvez mais lisonjeiro à vaidade nacional de alguns a crença, neste caso em certa misteriosa “força centrífuga”,

própria ao meio americano e que tivesse compelido nossa aristocracia rural a abandonar a cidade pelo isolamento dos engenhos e pela vida rústica das terras de criação. Juvêncio, personagem em O Estrangeiro defende o ruralismo como o ponto de partida para a criação da nacionalidade; a terra é ingênua e os que procuram com sinceridade, sofrem, a sua atração deliciosa. Transformando-se em contato.

É aqui que está a voz que chama o imã do sertão, que emana todo o país na unidade política e que definirá na unidade futura de uma raça forte.

Ao lado destas idéias de Juvêncio profundamente aprovadas pelo narrador surgem “flashes” da grande cidade a todo o momento presentes no romance O Estrangeiro: “a cidade americana não tinha nada européia. Assim o pressentia. Assim o desejava”.

As cidades têm uma alma, que paira sobre o panorama urbano: a projeção de todas as almas que lutam, sofrem e sonham no seu bojo.

Ivã adivinhava a lama da cidade americana: sobre um panorama tenebroso, um halo imponderável de alvorada rubra... Na cidade grande “a própria arte precisava ser sintética, simultânea, dinâmica, intencional, recreio rápido de gente atarefada”.

Os ideais modernistas e a estética futurista estão muito próximos no romance O Estrangeiro. Num determinado momento as idéias modernista e futurísticas convivem lado a lado. Seria interessante relacionar o contexto histórico Marinetti italiano onde nasce o movimento futurista de Plínio Salgado em alguns aspectos se aproxima da estética futurista que chega a apologia do fascismo assim como os ideais de Plínio chegam ao integralismo, tendo o irracionalismo como tema comum. Mario de Michelli faz um estudo profundo sobre o futurismo italiano em sua obra: As vanguardas

artísticas. Muitos aspectos desenvolvidos na obra de Michelli são importantes para uma reflexão sobre a influência no futurismo italiano na obra literária de Plínio Salgado.

Existem hoje duas opiniões sobre o futurismo: a primeira é que o julga como um movimento puramente artístico, a segunda é que a faz dele ao contrário, uma simples premissa do fascismo. Trata-se, porém, de opiniões unilaterais que não levam em consideração a condição histórica em que o futurismo surgiu. Na realidade o futurismo em sua origem, foi um remoinho de idéias e de sentimentos os mais diversos, em que, ao mesmo para alguns homens, o desejo de renovação não era nem puramente plástico nem puramente reacionário.

Muitos futuristas provinham do anarquismo, do anarcosindicalismo e, mais tarde, também do comunismo, além do nacionalismo. Eles tinham freqüentes contatos com os operários das grandes indústrias urbanas. Numa carta de Trotski, Gramsci conta “antes da guerra, os futuristas eram muito populares entre os trabalhadores. A revista *Lacerba*; com uma tiragem de vinte mil exemplares, era conhecida por quatro quintos dos trabalhadores. Durante as muitas manifestações da arte futurista nos teatro de grandes cidades italianas, aconteceu de os trabalhadores defenderem os futuristas contra os jovens meios aristocráticos ou burgueses, que se degladiavam com os futuristas. Também não se deve esquecer a esse respeito que Marinetti era originário do ambiente dos poetas simbolistas dos franceses, defensores e divulgadores das idéias anarquistas. Sua primeira obra teatral *Lê Roi Bombace*, escritas em 1905, contém o anarquista Famone, um dos protagonistas dessa tragédia satírica. E não é por acaso que mesmo no primeiro manifesto do futurismo de 1909, Marinetti, ao lado

das afirmações nacionalistas, glorificava também “o gesto do Libertário”. O mesmo manifesto, nos períodos sucessivos, continuava com estas palavras:

‘Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pelo levante, cantaremos as marchas multicares e polifônicas das revoluções nas capitais modernos. Cantaremos o vibrante fervor noturnos dos arsenais e dos canteiros de obras incendiadas por violentas luas elétricas. As estações vorazes, devoradoras de serpentes que fumam, as fabricam penduradas nas nuvens pelos contorcidos fios de fumaças.’

Assim, havia no anarquismo uma espécie de positivismo socialstóide, onde se percebia o eco das estrofes de Whitman ou dos versos eloqüentes do Verhaeren das “cidades tentaculares”. No fundo, porém, o Lês chants modernes de Máxime Du Camp, por exemplo, publicados em 1855:

[...] estamos no século em que se descobrem novos mundos e planetas, em que se encontrou a aplicação do vapor, a eletricidade, o gás, o clorofórmio, a hélice, a fotografia, a galvanoplastia e mil outras coisas admiráveis que permitem viver vinte vezes mais e vinte vezes melhor do que no passado... Que a arte literária esqueça a trituração as coisas mortas e viva com o seu tempo. (39)

Esses reflexos de anarquismo, de socialismo e de sorelianismo estão bastante vivos no futurismo daqueles anos. Os manifestos políticos trazem as marcas mais evidentes disso; no primeiro manifesto político para as eleições de 1909, por exemplo, lê-se “nós futuristas, convocamos todos os jovens talentos da Itália para uma luta irrestrita contra os candidatos que pactuam com os velhos e os pobres”. No manifesto do partido político futurista, publicado em Lacerba no mês outubro de 1913, encontram-se afirmações como as que seguem: ‘abolição da autorização marital, divórcio fácil. Desvalorização gradativa do matrimônio pelo advento gradativo do amor

livre e filho do Estado... preparo da futura socialização das terras com um vasto domínio público através das propriedades das obras pias, dos organismos públicos e com a desapropriação de todas as terras não cultivadas ou mal cultivadas.

Enérgica taxaço dos bens hereditários e limitações para os grandes sucessores... Máximo permitido por lei de oito horas de trabalho. Paridade para igual trabalho a remuneração feminina e da remuneração masculina... Substitui o atual anticlericalismo, retórico e tranqüilizador por um anticlericalismo de ação, violento e decidido, a fim de livrar a Itália e Roma de sua idade média teocrática, que poderá escolher uma terra adequada para morrer lentamente... Nosso anticlericalismo deseja libertar a Itália das Igrejas, dos pobres, dos frades, das nossas senhoras, das velas e dos sinos. Nosso anticlericalismo combate a infame religião da renúncia e das lágrimas que tem como símbolo deprimente o homem na cruz". Como bem observou Mário de Michelli o futurismo italiano apresentou dois momentos até certo tempo distintos: um primeiro momento anarquista e um segundo momento fortemente voltado aos ideais fascistas: "de início, portanto, o futurismo é uma concepção política aproximativa, de cunho republicano anarcóide e de clara tendência socialista, que construiu, sem sombra de dúvida, um dos elementos sociais revoltosos e antiburguês, típico daquele seu primeiro período. (...) Infelizmente, o anarquismo, o sorelialismo e o socialismo não eram as únicas componentes ideológicas do futurismo. Havia outras, que acabaram se sobressaindo, direcionando o movimento para um êxito negativo". Como observa Michelli o aspecto mais negativo do futurista era o nacionalismo: um nacionalismo cego, histérico, exclusivista, aguçados pelas mal digeridas teorias do "desejo de potência", que jornais, revistas e obras teatrais divulgavam. Por Nietzsche, interessa-se

D'Annunzio, que encarnava o super-homem numa série perniciosa de personagens; interessa-se também por Mussolini, sobre ele, publicou um ensaio em três capítulos no ano de 1908, no *Pensiero Romagnolo* de um vazio exemplar.

Havia, é verdade, também aqueles que, procuravam estudar Nietzsche com um empenho mais sério, mas, como acontece com freqüência, as fórmulas superficiais acabaram recebendo maior aceitação.

O nacionalismo de Marinetti aparece de forma clara deste o primeiro manifesto: “nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo...” Mas pode-se julgar melhor quão violento era o espírito nacionalista entre os futuristas e entre muitos dos intelectuais da época tomando como base as reações que surgirão, em 1911, por ocasião do início da guerra da Líbia.

Nessa ocasião encontram-se alinhados nas mesmas posições de louvor tanto Corradini, fundador do Reino, Corifeu exasperado do ultrapatriotismo como D'Annunzio, Marinetti e até mesmo Pascoli. Os sorelianos anarcosindicalistas, enquanto Prezzolini, por sua vez, apresentava-se em mudar o caráter de *La Voce* transformando-a, justamente num momento crucial da nossa história numa simples folha literária, na qual esquivava-se de tomar posição contra a agressão africana. O nacionalismo era, afinal um grude que em tudo e sem todos, além de toda divergência da natureza literária, política e filosófica.

A guerra da Líbia foi saudada por Marinetti e seus amigos como uma “grande hora futurista”. Em outubro daquele ano, celebrando a conquista de Trípole, ele escrevia um novo manifesto, onde podem-se ler algumas das suas afirmações mais temerárias .

Nessa situação, os futuristas desenfrearam-se. Sua posição antiburguesa naufragou miseravelmente. A exaltação da máquina, do modernismo, da velocidade acabou identificando-se com as teses da mais ativa e desabusada burguesia do Nite, a qual, por razões evidentes, queria a intervenção na guerra, contra a mais incerta, atrasada, medrosa burguesia latifundiária que hesitara em atirar-se na aventura, não vislumbrando nela as vantagens imediatas que tanto interessavam aos industriais da Itália do Norte. Não por acaso, a capital do futurismo foi Milão. Os futuristas não tiveram a mínima decência ao tecer explicitamente o elogio da “burguesia fomentadora da guerra”. Assim, antes do antiburguesismo desapareciam também as nostalgias, anarquistas e socialistas”. Porém logo que os fascistas chegaram ao poder, os futuristas foram relegados a segundo plano. Os fascistas não mais sentiam a necessidade de ter como aliada a chusma berrante dos futuristas.

De fato, uma vez no poder, não havia mais necessidades de improvisações, de impulsos arnacídes, de vandalismo intelectual.

É importante observar que a vanguarda em outros países estava geralmente na oposição.

Na Itália o futurismo estava identificado integralmente com a reação chegando a um nacionalismo extremado totalmente desvinculado de juízo. Mas nem tudo de futurismo foi negativo. Acertar os ponteiros como uma sociedade industrial, dinâmica foi um dos seus aspectos positivos: o futurismo foi um movimento polêmico, de batalha cultural; foi um movimento sintomático de uma situação histórica; um amontoado de idéias e de instintos, dentro do qual, ainda que não distintamente, exprimiam-se algumas exigências reais da nova época: a necessidade de ser moderno, a verdade de

uma vida transformada pela era da técnica, a necessidade de encontrar uma expressão adequada aos tempos da revolução industrial. O erro profundo do futurismo foi não considerar o destino do homem na engrenagem dessa era mecânica. Apenas Boccioni e, no início, Carrà se deram conta do problema.

Mas a direção central do movimento foi outra: identificar os termos do progresso técnico com os do progresso humano e considerar, portanto, o homem e a técnica no mesmo plano, tudo em detrimento do homem.

No entanto, mesmo com um lastro de um brutal tecnismo positivista na sua poética, o futurismo teve a corrente intuição de uma arte que saísse dos limites estreitos e inadequados do oitocentismo. Com essa intuição, que correspondia a uma atuação difusa, ele foi favoravelmente acolhido em muitas partes da Europa. A Rússia de Maiakovski e o construtivismo, sem dúvida, receberam impulso do futurismo italiano.

No Brasil, durante o momento modernista, também foi grande a influência do futurismo, a ponto de ser o primeiro título do movimento. Em determinado momento, futurismo e modernismo se identificam.

No romance O Estrangeiro a identidade é total. A poética futurística era o modelo estético a ser seguido por Plínio Salgado em determinado momento de sua obra. Também outros modernistas brasileiros receberam forte influência da vanguarda européia que em nada se adequara ao contexto nacional onde a modernização se estabelecia :

Num processo histórico caracterizado pelo conflito, pelo imperialismo, pela opressão e pela dependência, a modernização é usada como ideologia, que é empregada como pretexto e instrumento de dominação.

Em O Estrangeiro o poeta futurista está presente e participa em todos os seus matizes na defesa de um nacionalismo extremado e numa concepção sintética fragmentada:

A própria arte precisava ser sintética, simultânea, dinâmica, intencional, recreio rápido de gente atarefada. Não era por certo, o predestinado criador dessa arte.

Arranjou com o senador Miranda uma nomeação para o interior.

Em Mandaguari, entre a natureza e a infância, sentiu as pancadas do coração alvoroçada de sua terra.

As grandes cidades diziam, não possuem traços deferentes. Que dessemelhantes existe entre São Paulo, Nova Iorque, Paris ou Londres? Mais uma aldeia da Franca é profundamente diversa da vila brasileira da povoação Lusitana, nos lugares perdidos nos recessos de outros países.

Um sentimento forte de nacionalismo fendia o céu de Mandaguari, como o relâmpago da estrada de Damasco.

O mestre, disse um discurso de fim de ano, construirá a nova Pátria e será a atalaia vigilante sobre a dominação estrangeira.

O inspetor escolar gostou da frase e prometeu inserir o discurso no "Anuário do Ensino". (40)

Dois aspectos da poética futurística são marcantes em O Estrangeiro: o dinamismo ou a preocupação com uma síntese fragmentária e sintética e a concepção nacionalista extremada.

O aspecto sintético do texto está presente em todo o romance O Estrangeiro onde ao mesmo tempo a forma moderna se estabelece lado a lado de um conteúdo que defende o retorno ao rural como forma de encontrar a essência do ser nacional:

[...] dia 30 de Abril. Casamento de um Humberto Maio dias limpos e altos.

A estrela da tarde, tremendo no crepúsculo fino.

Sumo doce no íntimo das horas.

Céu pernaltado, das noites de junho oblíquo.

Jongo.(41)

Como podemos observar, o ativismo da vida moderna, o dinamismo, o contraste, a dissonância, a desarmonia são características determinantes do futurismo e também do modernismo nacional, já presentes no romance de Plínio Salgado.

Como é possível, na era do automóvel, continuar a escrever, a pintar, a construir, a fazer música como na época das diligências e do artesanato? O estilo, a linguagem poética, pictórica: musical, arquitetônica, devem adequar-se ao novo ritmo da vida. É preciso, portanto, romper com a gramática, sintaxe, a métrica tradicionais da pintura e da arte. O estilo deve tornar-se rápido, impetuoso, turbilhante como a vida moderna em seu incessante explodir e pulsar; portanto, na poesia, as palavras em liberdade; na arte, o dinamismo plástico. Somente esses meios e esses modos podem garantir a tradução estética do novo ideal de beleza.

Ao mesmo tempo, em que surge uma proximidade á poética futurista, a obra de Plínio Salgado vem marcada por um forte nacionalismo de reação ao cosmopolitismo e defesa dos valores tradicionais, aspecto este presente na arte fascista da Itália e nazista da Alemanha. Em *O Estrangeiro* o automóvel surge em diversos momentos tendo na obra uma importância significativa:

A Hudson tropeçou numa coisa. A brecada estourou um pneumático terrível perigo de capotagem. Mas, não foi nada. Zezinho Silveira respirou. Foi apenas uma menina de 9 anos que ficou em estado de coma.

O soldado cacete tomou apontamentos maçantes.

Outro pneu.

Sabe com quem está falando? E a corrida prosseguiu na tarde pérola.

Catumbi – Penha

Carrossel (42)

Na mesma página do romance o automóvel surge como preocupação básica:

Esta tarde serviu, de ensino. Verifiquei que a, máquina não dá para uma saída. Tratar de comprar outra. Cadillac? Lincoln? Spano-Suiza? (43)

A vida íntima dos ausentes estava na boca dos comensais dos clubes. Martiniano restelava-se consoladamente nos comentários.

E nas molas, também, das Hudson e das Dodges nas corridas noturnas com a Ninon para o Anglo Parque e a fazendinha.

Ao mesmo tempo em que o romance do Plínio Salgado procura assimilar aspectos da poética futurista em busca da modernização, característica de uma sociedade industrializada, a obra procura também no discurso do personagem Juvêncio, um nacionalismo extremado alheio às influências estrangeiras.

As transformações socioeconômicas do pós-guerra, provocam em Salgado uma atitude crítica face ao desenvolvimento industrial e suas conseqüências. Ele denuncia o “instinto da máquina” o mal urbano, a “luta de classes”, o “cosmopolitismo”. Seu rompimento político com a Primeira República não o conduz necessariamente a contestação política, pois ele não manifesta simpatia nem pelo movimento tenentista nem pela Aliança Liberal. Ao contrário, no romance O Cavaleiro de Itararé, denuncia as “revoluções” da década de 1920. Portanto sua concepção política em gestação se inspira em última análise, na efervescência ideológica das elites intelectuais no pós-guerra que resulta da confluência entre o despertar nacionalista, a revolução literária e a renovação espiritual.

O caráter reacionário, travestido em inovações formais, torna-se patente na obra literária de Plínio Salgado onde o irracionalismo se estabelece a todo o momento em linguagem dinâmica e sintética, valorizando e ao mesmo tempo desvalorizando a máquina e o universo urbano:

‘Os sertões almofadados e fofos penumbras de plafonds e stores, veladores de intrigas e fumaças havanas de charutos, narrativas de bluffs e insídias de pocker, suspendiam a morna monotonia e, nas salões de cima com cartazes futuristas, abriam-se carnavais honestos a Plutão e família de artificioso sangue azul...

Mondolfi lá estavam cav e uff, a palestra com o inglês Maksond, da Campanha de prédios e o rico alemão Otto Klein, de firma Klein & Cia Ltda’

Conceta fulgia maravilhosa, numa túnica romana, com um diadema de pérolas; a irmãzinha mais nova apresentava-se em pompadour de boquinha vermelha de beijar e Helena sevilhada ao gosto de Maria Antônia, recebia a corte do Fábio “Esfola-onça”, rebento nobilíssima estirpe rebentada na roleta e no azar das baixas.

O Clube era um mapa geográfico de nações e idiomas.

‘Espáduas meias fulguravam como brasões d’armas da aristocracia remontaste a Fernão Dias, o caçador de esmeraldas, e aos Silvas das floradas recentes do encilhamento...’

Numa linguagem sintética organizada em frases fragmentarias Plínio Salgado vai descrevendo a cidade de São Paulo com sua elite composta em maior parte por imigrantes. Há uma dose de nacionalismo no texto onde o tom de desencanto se afirma em certos momentos:

‘Falhara para o amor... Uma grande tristeza caía sobre seus ombros alargava-se dentro do seu peito. Nunca experimentara tão pesada solidão.’

Abriu a janela. A estrela da manhã afundava na neblina violácea. Um silêncio verde desprendia-se dos lampiões ébrios envolvia os violinos quietos, os bungalows angulosos. E a cidade ao longe, piscava os mil olhos elétricos, numa sonolência de aurora estremunhada.

O amor andava àquela hora, unindo as boas, na moleza das horas fatigadas.

Morriam os últimos sons de tangos nas salas abertas dos clubes e cabarés, jorrantes de alegria solar. Os autos fonfonavam, numa pressa de júbilo alcoolizado. As ruas modelavam coloridas de serpentes e confetes. E Vênus encenava o ritual da noite musicada de Baco.

Havia por todo o panorama pontilhado de focos, sob o telhado da cidade dormente virgens curiosidades descerrando mistérios desnorteados, desejos desfazendo-se no desencanto da posse inconsciência espanejando asa de seda, na brisma dos delírios, braços enroscados como serpentes. Beijos iluminando instantâneos milagres imprevistos...

Na terceira parte do romance O Estrangeiro, Plínio Salgado ao mesmo tempo em que descreve o caráter urbano da cidade de São Paulo, vai caracterizando também a decadência não econômica, mas moral do personagem Ivã:

Renunciara quatro vezes o amor, para que não fosse empecilho á sua marcha e chegava ao alto, finalidade ultima da sua obra. Lição inútil aos homens...

[...] que valera o esforço? Um homem vitorioso é um homem que foi deixando o coração despedaçados pelo caminho.

Todo o triunfo é feito de renuncias e estrangulamento ignorados...

Não há diferença entre um trono e uma força porque ninguém chega ao alto sem estar previamente massacrado por si mesmo.

Só foi vitorioso o homem que não quis, ou não soube ou não pode vencer. E andou Livre, como os ventos que vão para onde querem...(44)

Em Ivã todas as abstinências e todas as abdições formaram a coluna de fogo, que marcou, como uma via Láctea, o caminho do homem triste, para a montanha elevada solidária, onde o triunfo se chama solidão... O personagem surge com seus problemas como apresenta o texto, no mundo do destino fatal. Nada procura caracterizar o universo da capital que usurpa o tempo necessário para o crescimento e o desenvolvimento de saúde corporal.

O destino do personagem Ivã caminha a cada passo para o esfacelamento de sua existência; economicamente torna-se vitorioso, mas espiritualmente a derrota é total. Neste contexto Plínio Salgado se converte em Romancista na medida em que estabelece relações com o outro. O escritor como podemos observar sempre está a serviço de uma classe econômica, de um sistema de dominação, de uma ordem de convenções e normas, de uma organização mais ou menos estritamente ordenada e extensa; resulta significativo que a influência social e política de uma obra é mais poderosa quanto menor ostentação em sua finalidade e quanto reclama a aprovação gera. O caráter tendencioso, desvelado, cru e direto aliena, suscita suspeitas, e cria resistência; todavia a ideologia latente, e encoberta não avisa o ópio que introduz, e assim o veneno secreto pode atuar inadvertidamente.

Podemos falar de propaganda, tese e tendências na arte quando o autor fórmula sua convicção política de modo que se diferencia dos elementos estéticos no sentido estrito e é separável deles. Pelo contrário, nos conteúdos ideológicos os motivos relativos às concepções do mundo e a atitude política, estão inseparavelmente unidas aos componentes da obra; a vontade geral como ideologia participa plenamente na estrutura estética e se dilui por completo na tonalidade da construção artística.

No romance O Estrangeiro, o aspecto tendencioso é uma constante e surge caracterizado a todo momento pela participação do narrador a todo momento no desenvolvimento da narrativa; temos neste caso a presença do autor onisciente intruso que procura estar acima, adotando um ponto de vista divino, superior ao plano estabelecido de tempo e espaço. Como observa Lígia Chiappini,

[...] seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrativa.'

Em O Estrangeiro o narrador onisciente intruso surge a todo o momento caracterizando o romance de tendência que se evidencia, como observa o autor com um caráter de manifesto:

Juvêncio e Humberto não saberiam jamais do seu íntimo drama. Seriam como crianças do poema Tagore, brincando na praia, ignorantes das tempestades do mar e da vida, da onda que caminha de encontro ao homem. (45)

Ao mesmo tempo surge o comentário sobre os costumes da sociedade paulista da época, já naquela época a paixão pelo futebol:

Aos domingos e os bondes levavam vivas as Friendenreich nos estribos a léguas, a família reunia-se no Instituto regorgitante de bom-bom, fruto, e frutas de sustos em férias, com narrações chocantes de operações vencidas.(46)

Cumpra também estabelecer uma comparação entre o texto narrado e o ponto de vista narrador. O texto narrado, profundamente influenciado pela estética futurista procura caracterizar o dinamismo como expressão do mundo moderno, através da organização da linguagem assim como todos os temas abordados. Todavia o narrador nem sempre se identifica com os modernismos desenvolvidos no texto:

[...] e, assim, a simbólica Mula; que, por trazer muitas cabeças, e como se nenhuma tivesse, será apenas, uma trágica lembrança no dia em que Anhanguera volver á cidade requintada de onde o expulsaram.
(47)

De um lado o texto desenvolve uma característica cosmopolita, aberta ás experiências formais internacionais. De outro lado com o final trágico de Ivã e o nacionalismo de Juvêncio ao lado do ponto de vista do narrador temos outro aspecto da narrativa que mais se parece com os ideais artísticos presentes nos discurso de inauguração da “Grande Exposição de Arte Alemã, 1937”, pronunciada por Adolf Hitler. Observa Hitler:

‘Muitas vezes se perguntou: que significa realmente ser alemão? Entre todas as definições que foram sugeridas através dos séculos, a mais valiosa me parece ser a que não procura sequer dar tema explicação, mas em vez disso estabelece uma lei. E a mais bela lei que posso conceber para o meu povo, como tarefa de sua vida neste mundo, já foi formulada por um grande alemão significa ser lógico e, acima de tudo, verdadeiro...’

Ora, o desejo profundo e íntimo dessa verdadeira arte alemã, que traz em si os traços dessa lei de clareza, esteve sempre vivo em nosso povo. Ocupou nossos

grandes pintores e escultores, os criados de nossa arquitetura, nossos pensadores e poetas e provavelmente, no mais alto grau, nossos músicos. Quando, naquele fatídico 6 de junho de 1931, o velho Glaspalast foi destruído num incêndio horrível, um tesouro imortal dessa arte alemã verdadeira desapareceu entre as chamas. Eram chamados de românticos, mas em essenciais foram os mais gloriosos representantes daqueles nobres alemães que buscavam a virtude intrínseca e autêntica do nosso povo, e a sincera e respeitável expressão daquelas leis da vida que só se experimentam interiormente. Como podemos ver há uma certa paixão pelas doutrinas totalitárias e autoritárias e por certos aspectos do idealismo romântico. A questão do irracionalismo, do racismo, do tradicionalismo são pontos de estética romântica bem evidentes também nos princípios totalitários. A valorização da natureza, do campo e reação aos aspectos cosmopolitas torna-se bem evidente: todas as preocupações artísticas com tendências cosmopolitas ou bolcheviques devem ser postas fora dos museus e coleções alemãs devem primeiro ser mostradas ao público, o preço de compra e o nome dos funcionários do museu responsável deve ser divulgado e depois devem ser queimadas, afirmavam os órgãos de imprensa nazista alemã. Como podemos observar o nacionalismo totalitário se afirma pelo assassinato do estrangeiro; no capítulo quarenta e um do romance O Estrangeiro com o título “Nossa Terra” a questão do nacionalismo surge também evidente nas palavras do personagem Juvêncio. “O urbanismo” – escrevia, contemplando a figura ingênua e varonil do Zé Candinha, “é a morte da nacionalidade. Porque é a morte do homem; só a íntima correspondência com a natureza o eleva da condição universal de símio”.

A Ivã dissera:

- Vou comprá-lo no sertão
Mas foi inútil...
Uns caboclos de Santa Bárbara acercaram-se curiosos.
Os fardos pinoteavam como cabritos na estrada pedrenta que furava a mata-virgem.

O Tiete tombou, de chofre, com ribombo e estilhas. Catadupa de ouro líquido. Piscina larga de muros de pique. E os papagaios de carmine gritavam roucos:

Giovanezza, Giovanezza
Primavera que beleza!

Uma grande arara gargalhou gostosa no alto de um ipê.
Juvêncio de pe sobre uma rocha, exclamou:

- Quem ri desta cachoeira

E voltando-se para os discípulos e para os caipiras amontoados:

- Vamos! Alguns de vocês é capaz de rir desta cachoeira?

E explicou:

- Esta queda d'água poderia fornecer força a muitas cidades, mover usinas e iluminar. Assim é o homem da nossa terra. No litoral, ele se desmancha em arroios, mas aqui é bruto e forte.

Agarrou, então os papagaios:

- Giovanezza, Giovanezza! – e, um por um; os foi estrangulando, atirando-os na onda brava da catadupa.

Indignados todos os seres que falam com os papagaios, sem por nas palavras a força e o calor da terra. Indignados todos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos!

Depois, exclamou; misturando a sua voz com os gritos do Avandava:

- Nós somos uma Pátria que tem soldados vadeadores de rios, pântanos, florestas e desertos. Nós somos uma raça que tem sertanistas e vaqueiras inabaláveis como pregos batidos na dura madeira de todas as inelemências, para segurar no continente o mapa do Brasil. E somos um povo que tem jangadeiros que fazem de uma esteira de caibros couraçados do Espírito da Terra! (48)

Neste clima onde o nacionalismo extremado chega ao auge, surge uma possibilidade de redenção para os italianos porta-vozes do fascismo:

O major Feliciano escrevia-lhe:

A localidade (Mandaguari) entrou agora num período de grande progresso. O Sr. Presidente do Estado prometeu ver, em pessoa, inaugurar o chafariz. Fiz as pazes com o pessoal da “Dante Alighieri” por causa de uma causa que me deram e me rendeu cinqüenta contos. De modo que subvencionei a escola e a banda da colônia. Vou conceder a uma companhia de alemãs, vários favores para o serviços de luz. Havia uma de brasileiros que me dava uma comissão muito pequena e achei pouco patriotismo. Espero ir para São Paulo, despeitado, servir o país em mais largos horizontes. O Humberto Mondolfi ficara na chefia. Enfim as causas correm otimamente, o progresso em geral e apenas meia dúzia de desclassificados me faz oposição. Peço-lhe que mande o discurso para a inauguração do chafariz. Feliciano major. (49)

O major Feliciano fazia parte dos brasileiros que aprovavam a imigração e adequava-se aos estrangeiros, estabelecendo um acordo com eles e com eles se identificando e alheando-se às coisas brasileiras.

Por sua vez Juvêncio através de um nacionalismo extremado acreditava no Brasil e no seu místico desespero, apelava para a natureza inatingida e para os fantasmas da história; para o espírito da raça indígena, para as lendas, para a lama da pátria, fundamentado num nacionalismo xenófobo inspirado numa concepção do mundo irracionalista. Tanto Juvêncio quanto a ficção de Plínio Salgado tinham um objetivo: lutar contra a literatura descompromissada com a realidade nacional:

[...] os dramas passavam, ignorados, no turbilhão indiferente da cidade.

Os industriais cuidavam de sua indústria. Os políticos, da sua política, os artistas, da sua arte. E todos do seu dinheiro, da sua ambição, da sua glória.

Só os mendigos, estendiam suas pernas ulceradas nos passeios e nos suicidas, e os passionais, na praça pública dos “fatos divisos”

Ninguém tinha tempo para ver as chagas.

Nem para ler a crônica trabalhada do repórter. (49)

A solução estava em buscar uma nova ideologia vinda da Europa: E, como rompesse na Itália a chama do fascio, Floriano, referiu-se a ele um entusiasmo fogo-de-palha:

- “Agora, Ivã, o comunismo encontrou gente pela proa.
- É o prelúdio da vitória da extrema-esquerda, respondia com seu individualismo satânico. Os governos ditatoriais e absolvestes da personalidade humana criam o maior perigo a sua própria estabilidade: a montanha de gelo das unanimidades, pronta para desabar quando aparecer o sol, que chamaremos de Lenine, ou um caldinho qualquer. Floriano concordava. E temia pela sorte de São Paulo, onde os governos se engranzavam, de elo em elo, sem oposição. Ivã sorria e afastava o perigo:
- Não temos ainda aqui uma alma coletiva. Por enquanto. Cada um de nos constrói o seu próprio eu. Somos a pluralidade heterogênea... Por isso, que com mesma facilidade com que o povo paulista vier a aderir a revolução vitoriosa, desinteressar-se a por ela, no dia seguinte. E Floriano:
O perigo não estará exatamente aí.” (50)

No romance O Estrangeiro a questão do espiritualismo se evidencia a partir da recusa do materialismo histórico como observa o personagem Juvêncio:

Penso que estamos entre duas espadas, que nos apontam o caminho da decadência: o materialismo utilitário dos inconscientes e o ceticismo desnorteado dos intelectuais, como você. Hei de levantar a legião luminosa, de espírito virgem como as florestas. Novas Bandeiras, que fixarão os limites mortais do país...(51)

3- UMA INTERPRETAÇÃO DO ROMANCE O ESPERADO

No Prefácio do Romance O Esperado, escrito em setembro de 1936, Plínio procura se distanciar do fatalismo histórico:

“Em toda minha obra política, não tenho feito outra coisa senão combater o fatalismo messiânico, o sebastianismo do povo brasileiro. Este romance acha-se predominante, sobre as realidades sociais do Brasil, essa enfermidade nacional” Quando os messiânicos, os agitados, julgam ver, “O Esperado”, O Messias, O Cavaleiro desejado, O Príncipe Encantado, O Salvador, eis que caem as trevas mais espessas, na confusão, no desejo vibrante, sobre todos os gestos, sobre todos os gritos. E o romance termina com a marcha de uma população em disponibilidade que, a espera de um vago Messias, sem um pensamento que a ilumine, num rumor de passos, sem saber para onde.”(52)

Como observa Plínio Salgado, no romance O Esperado, estão presentes os inquietos, os inadaptados, as vítimas e os opressores. Surge no romance um choque de direções contrárias de pensamentos.

Este romance, ao contrário de O Estrangeiro, não defende nenhuma tese. Expõe uma situação e procura marcar tipos expressivos de uma sociedade angustiada na década de 30 no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo. O romance O Esperado foi concluído em 1930, período, segundo Plínio Salgado, de significação profunda na sociedade brasileira, mas caracterizado, por sua vez, por uma ausência de pensamento que ilumine este momento. É partir deste ponto que Plínio vê uma das maiores mazelas brasileiras: o sebastianismo do povo que caminha sem saber para onde, levado por paixões, por desejos delirantes em busca do Esperado, o Messias, O Cavaleiro Desejado, O Príncipe Encantado, O Salvador.

A urbanização de cidade de São Paulo, com seus primeiros arranha-céus, com os automóveis, com a industrialização são retratadas com muita propriedade neste

romance que apresenta uma linguagem já influenciada pela linguagem cinematográfica, com frases curtas e períodos simples e apresentando um tom poético na narrativa. Após uma leitura podemos verificar que a linguagem deste romance foi bem mais elaborada do que em seu primeiro romance: O Estrangeiro.

“A dança serpentina das multidões misturadas. Florentinos, renascenças, colônias, colunas gregas, na fabulosa ciranda, mãos dadas a musculatura Broadway dos bárbaros dempseys de cimento armado. Este, vinte andares, aquele trinta. Estilos. A ginástica sobe-desce das multidões prediais na perspectiva a cotovelada do dia de luz”. (53)

A descrição da cidade de São Paulo com suas transformações urbanas é uma constante no romance O Esperado e Plínio procura estas mudanças juntamente com mudanças na forma, na linguagem.

“Lá no fundo, as fábricas enormes, só bairros operários na fumaça Tênuê; e a torre da luz, hirta, mostrando os ponteiros implacáveis dos ritmos urbanos e os viadutos burburinhantes; e as igrejas de pedra mística e nuvens confusas, em movimento e os arranha-céus agressivos como perguntas”.(54)

A presença do narrador onisciente torna-se constante no romance O Esperado. O que de certa forma caracteriza a ideologia presente no texto. O narrador onisciente em geral não deixa a narrativa ser construída por ela mesma.

“Admitia-se tradicionalmente que o narrador de narrativa em versos identificava-se mais ou menos com o poeta, de sorte que antes do surgimento do romance parecia haver poucas razões para se ventilar a questão. O narrador estava identificado com o autor, o que implicava uma primeira pessoa”. (55)

No romance O Esperado temos a presença do narrador na terceira pessoa; todavia não um narrador que se limita apenas a apresentar uma visão dos personagens. Também ele narrador apresenta o seu ponto de vista ao lado do ponto de vista dos outros personagens que falam pela voz do narrador:

“Toda a vida social e política da Metrópole era convencional e falsa. Religião, arte, política, movimentação inexpressiva de fantoches. Tudo era sofisma e dialética insincera de arrazoados. No fundo, havia um drama comum, que ninguém confessava. E uma marcha, que todos fingiam não perceber”.(56)

A crítica aos valores da metrópole já estava presente também no romance romântico brasileiro principalmente em Jose de Alencar. Segundo Roberto Romano no conservadorismo romântico estaria a gênese do totalitarismo. No romantismo religioso é que o integralismo vai buscar sus princípios.

Dois tempos contraditórios: o da burguesia e o do proletariado. Mas, nem um nem outro aceita retornar ao velho tempo cristão, escandido pelo sinal paroquial. Nisso as classes modernas opunham-se à Igreja. Ambas eram democráticas, contrárias à tradição. Sobretudo eram anticlericais. A apologia Ultramontana atacou esses pontos comuns entre burguês e operário. Ambos seriam frutos de uma conjura maquiavélica, modernos filhos de Satanás. Entre a revolução Francesa e a Comuna de Paris, diz o Ultramontanismo, a religião é direta. Indo mais fundo na história, alegam os seguidores de Lammenais, De Bonald e outros, que o socialismo é fruto de Reforma, cuja “Liberdade de Perdição” abalou o fundamento eclesiástico, pondo em perigo a barca de Pedro.

Reforçando a militância dos Ultramontanos, seus catecismos definem a Igreja em termos de poderes e direitos, à semelhança do Estado. A Igreja é uma sociedade, isto é, uma reunião de homens que formam, unidos, um mesmo corpo no qual há essencialmente superiores e um chefe principal, depositário da Autoridade necessária para manter a ordem e governar todos os membros; pois, sem superioridade, não há subordinação possível e sem subordinação não há sociedade, mesmo em pensamento.

A Revolução Francesa, “obra prima da tática infernal”, segundo os Ultramontanos (Ramière), foi também excomungada pela hierarquia eclesiástica, no seu ponto mais elevado. O papa Pio IX dizia na abertura do Concílio Vaticano I: “Bem vedes, venerandos irmãos, bem vedes, com que impulso o antigo Adversário do Gênero Humano assaltou a assalta a casa de Deus, a que só a santidade convém. Sob sua influência, lavra esta funesta conjuração dos Ímpios, que, formidável pela sua união, poderosa pela suas instituições, e ocultando sua milícia com a máscara da liberdade, não cessa de mover acérrima e perversíssima hostilidade á Santa Igreja. Luz, trevas, ignorância, ciência. São infinitas as combinações desses signos nas falas das elites burguesas, entretecendo simultaneamente os fios do discurso moderno. Pio IX lamenta, na realidade, o retorno maquiavélico ao paganismo: a morte da divindade cristã, esteio dos antigos valores religiosos e políticos, consumou-se na consciência moderna. Mas, ao contrário das sombras absolutas, exorcizadas pelo Pontífice, outros espíritos assumiram positivamente este acontecimento como início de uma nova época”. (57)

Todavia a partir do século XX novas divindades surgem em cena: “após a morte do Deus cristão, surgiu uma seqüência fantástica de novas divindades, encarnadas na política moderna”. (58)

Com o totalitarismo do século XX o mundo divide-se novamente – nas consciências presas á Raison d’État – em regiões rigidamente opostas em sombras e luzes, entre o planeta “cristão e ocidental”, onde tudo é azul, vive-se no melhor dos mundos possíveis, e no Oriente “amarelo, vermelho e negro” onde reinariam o despotismo e o atraso.

Em sua obra despertemos a Nação, Plínio Salgado escreve um capítulo com o seguinte título: O Brasil e o Romantismo, que, segundo, o autor, já seria uma anúncio do Manifesto Integralista de 1932.

“O Romantismo veio até a Grande Guerra. Começou no século XVIII, avançou, sol alto, pelo século XX. Precedeu a Revolução Francesa, como uma alvorada; caiu como um crepúsculo vespertino sobre a Revolução Russa. Todas as modalidades literárias, mas todas são aspectos efêmeros, circunstanciais ocasionais. Só o Romantismo é a grande força que dirige o século. Não é uma escola: é um aspecto de consciência universal. Nem é bem o estado de consciência, é uma intervenção misteriosa na consciência. É, talvez, um sexto sentido que o homem adquire: o tato de personalidade no meio cósmico”. (59)

Segundo Plínio Salgado o Brasil chegou atrasado na história. E para solucionar este problema só um novo Romantismo: Nosso romantismo será um grito rebelde de Nacionalidade. Ele permitirá que possa haver um novo mundo uma civilização futura diferente. Poderemos ser ouvidos na comunhão humana. Ter o nosso filósofo e o nosso poeta. Como serão eles? Não o saberemos. Mas é preciso que eles venham. Ou teremos falhado.

Quantas apreensões me assaltam, ao considerar o atual panorama mental brasileiro! Que estamos fazendo? Nada!

Entraremos nas sombras de um próximo Idade Média, sem termos falado a nossa palavra? A geração nova do Brasil tem de responder, como tentaram responder os heróis da tragédia do primeiro e do segundo romantismo. Porque não falaremos a nossa palavra de látego dos primeiros precursores, para que o Enviado, quando chegar, ainda ouça os ecos da nossa voz angustiante, neste começo de século que é véspera talvez de uma idade que cuja mecanização social, de cujo senso material, a

Humanidade, se não houver reação do espírito, poderá sair com o vôo rasteiro dos galináceos?

A nossa formação espiritual brasileira tem por base a completa destruição dos ídolos europeus e o despertar das energias adormecidas no recesso do sangue e da alma do Brasil". (60)

Quanto a vincular o pensamento de Plínio Salgado ao totalitarismo europeu, o integralista brasileiro via esta questão de outra maneira: O problema brasileiro é muito mais difícil do que os da Rússia, da Itália e da Alemanha. Os modelos de Lenine, de Mussolini e de Hitler, suas estratégias, seus processos não valem nada no caso do Brasil.

No romance O Esperado surge o combate ao "messianismo fatalista". Segundo Plínio Salgado, O Esperado "só poderá surgir de uma consciência coletiva suscitada por nós mesmos". O romance O Esperado está voltado para o período de 30 no Brasil. Em O Esperado surpreendeu a inquietação dos que pensam e sofrem nas metrópoles tentaculares. Esboça-se aí a chave decifradora das angústias econômicas na atuação do capitalismo internacional, enquanto se enunciam os índices do materialismo e do espiritualismo Nacional. No prefácio da primeira edição do romance O Esperado Plínio Salgado apresenta o romance sem nenhuma intenção alegórica, sem preocupação de provar, agora, que os personagens chegaram até a última página, levados pela conseqüência de um determinismo decorrente da própria gravitação episódica, - o Autor compreende que a paisagem dos seres humanos, que aqui se agitam, exprime, na sua complexidade, um conjunto de símbolos indicativos de diferentes fenômenos sociais que se inter cruzam na Metrópole Brasileira.

Correm, como rio, para um mesmo oceano a família do opulento político Avelino Prazeres; a de Rodrigo Jorge, com o sentimento de tradição histórica; a do Dr. Antoninho, o alto funcionário de Camurça, o pequeno burocrata passivo, esmagados pelas condições sociais em que vive a de Solidônio, operário, soturno poeta da dinamite.

Pluto é bem “irremediável humano”, cuja felicidade não poderá provir de nenhuma reforma social, compreende-o Evangelho de Tupã, cuja música parte da Terra em direção ao infinito. Não lhe darão remédio, nem Marcos, que é toda força e beleza pagã, nem Mano e Manfredo, que traçam, friamente, o teorema das soluções políticas.

A dor de Pluto é síntese de todas as dores. A sua corcunda é menos uma desgraça pessoal do que uma fatalidade humana. Com qual todos nós teremos de nos encontrar, irrevogavelmente, um dia, a despeito de todos os regimes.

Edmundo Milhones compreende tudo. Sensibilidade mediúnica em ligações com os pesares e desesperos que o rodeiam. Ele mesmo traz consigo o choque permanente das ancestralidades incompatíveis. Seus avós brigam nos recessos de seu sangue. Seus instintos sensuais lutam com as forças puras do seu espírito diante da expulsão de João Tinoco; diante da Graciosa, a filha infeliz do Camurça; ou comprimido entre a realidade brutal da vida e a verdade suave da família, Edmundo Milhones é um estável.

Ao seu lado, passavam Canoa, político profissional; Gavião Teixeira, jornalista gravador; o Dr. Becca, opositor aspirando ao poder; a fauna de todos os submetidos, de todos os adaptados. É o regime do conservadorismo ateu, que produz Infantini, o grande industrial de claras visões práticas; Corrégio, o pequeno industrial.

Sufocado, comprimido, arrastado á falência; Jaguar-etê, arrombador e assassino; Conrado, o cabo eleitora; o banqueiro Lentier, que nunca vira as estrelas; Gomes de Barro, fazendeiro que pretende explorar o governo; Elvirinha; Ondina; Gabi; o senador Vilalta; Antonio Lopes, empregado infiel; Arruda, zangão e barbeiro; “seu” Carvalho, ladrão de moça; o delegado Dr. Nolasco; Madame Bermudez D. Adelaide, cafetinas; e nane e Cozette.

Mister Simpson age por eletrolise. Tudo vem dele, em razão dele. Que não tem um instante dramático no livro. Que é quase invisível como O Esperado. No entanto, avulta, como uma “referência irremovível”...

Os próprios sofrimentos de D. Etelvina, de Nina, de D. Antoninha, de D. Vidoca, de D. Zita, de D. Xuxuta, de Graciosa, da velhinha D. Idalina, figuras de mulher da alta e da sub-sociedade, da mesma maneira que a magoa desamparada de farândula nômade da gente de João Tinoco, de onde vêem, senão remotamente de Mister Sampson?

E mesmo nessa Miss Kate, que tem uma lama, que decide, afinal, da sorte de tantos personagens pelo toque de graça do Senador Avelino Prazeres, não é o resultado da força que Mister Sampson representa?

Camurça encontrou Solidônio, no momento de sua derrocada, da mesma maneira que o Senador Avelino prazeres, encontrou o Padre Azambuja no instante do seu desconforto... E, Edmundo, o amor de Nina, que o sustem, e Rodrigo Jorge, as promessas de Canoa; e Graciosa, o filho do salsicheiro.

Agora, que o livro está terminado, o Autor não sabe explicar bom o “porquê” desses encontros. É a perplexidade diante do problema que se rasgou, do rumo que os personagens tomaram, por si mesmos, caminhando pelos seus pés...

Pois o próprio Pluto, se não tivesse ido a casa de tolerância de D. Adelaide, teria conhecido Evangelino Tupã, através de Mano e Infantini, como aconteceu? E tupã foi á espiritualidade que entrou na sua vida, materialista.

E forçoso foi existir uma espelunca do jogo, onde um designo providencial, reuniu alguns amigos, para que, em meio ao tumulto orquestral, das angústias da Metrópole se erguesse o Clube Talvez, , como um grande espelho, num décimo oitavo andar, voltado para baixo, para o torvelinho de uma época da confusão espiritual e vago messianismo...

“O Esperado”, é inquérito e depoimento. É tentativa de fixação de verdades psicológicas, de realidades sociais, de feições de inteligências e rumo de idéias. Iniciado em 1927, veio a ser terminado na hora exata em que deveria aparecer: 1930. Está data terá, certamente, uma significação profunda na historia de nossa Pátria.

Tal presentimento transfigura as páginas finais do livro.

Que perdem o sentido de “romance”, para ganhar o tom apaixonado de um poema”.. (61)

O movimento de 30 vem existindo embrionariamente em clima de espera de alguma coisa que estava preste a acontecer. O que seria O Esperado? Seria uma Revolução de 30 ou condutor deste movimento?

“A cidade continuava a viver a sua grande vida inquieta. Alguma coisa pairava no ar. Os espíritos estavam suspensos. Aguardavas-se algum acontecimento que deveria decorrer como uma fatalidade de ânsias coletivas”. A personagem Evangelino tupã profetiza a chegada do Esperado: “cairão as Trevas, o sol se apagará. Os

homens tatearão e ninguém se entenderá. E os corações esperarão a auroran na noite longa”. (62)

Marcos, personagem do romance reflete sobre as transformações que estavam surgindo no início do século XX.

“ Fixemos, primeiro, a nossa época, precisando os seus mitos. Criamos, depois, novos deuses, para morrerem, por sua vez, sob o cutelo dos heróis. É preciso precipitar o encerramento deste ciclo de civilização. Ergamos um templo ao Deus-Automóvel, outro ao Deus-Aeroplano, outro ao Deus-Rádio.” E outro personagem, Evangelino Tupã, o músico, reflete O Esperado, ou sobre a nova divindade, o Egocrata: “Eis uma forma de messianismo universal, comentou Evangelino Tupã. Nós esperamos um homem no Brasil? E acaso todas as nações não o esperam também? Nosso país está falando como um médium”. A sua voz é a voz universal”... (63)

A lado das transformações urbanas em São Paulo, nos bairros operários os costumes mudavam e acompanhavam o comunismo no que era possível:

“Nos bairros fuliginosos não havia mais resignação, nem a alegria tranqüila que se evolui dos afetos. As filhas dos operários queriam vestir-se melhor. Solidônio, o tecelão de olhos negros, que tonitruava nas sessões agitadas das organizações sindicais. Já não tinha mãos a medir com os dispêndios das filhas que também trabalhavam numa fabrica de linhas. Eram meias de seda, perfumes, quinquilharias de batons e “rouges”, de creme, loções, sapatos bordados, vestidos... Jóias falsas, olhos compridas para as vitimas. Cinema.

No quarteirão dos desesperos familiares, das tristezas soturnas, das raivas gritadas, havia suicídios com lisol e creolina, fogo nas roupas, como faziam as negras amásias dos soldados da várzea do Canindé.

No lugar dos amigos oratórios, retratos de artistas de Hollywood e Los Angeles”...A presença dos valores da cultura norte-americana já estão presentes com todo seu vigor no período de 30, no Brasil, tendo o cinema como melhor porta voz:

- O cinema é um grande civilizador. É a escola de nossos filhos.
- Para as moças, nem fale, completou Dona Antoninha. Aprendem a vestir-se, aprendem as atitudes distintas e elegantes. Tornam-se, sem o sentirem, umas mocas de merecimento.
- ficam sabendo, o que é a vida moderna, a realidade da vida, a fim de não irem caindo trouxamente num casamento infeliz. A ambição é tudo, para que uma família vá subindo no contexto social.
- o conceito social é tudo, Antoninho". (64)

No romance O Esperado, a predominância do universo do dinheiro é uma constante. A família passa a se organizar a partir deste ponto:

- "Seja um chefe de família:
Ao que o escrevente retrucou teatral:
- Grande é a instituição da família". Estarei á altura dela.
E erguia o braço direito, o dedo em riste para o teto.
 - Se estivesse, treplicou D. Xuxuta teria trazido o dinheiro, de qualquer jeito!
- Alto lá! Berrou Camurça. De qualquer jeito, não, sou um homem honrado. Há poucos, hoje em dia, mas sou um deles.
 - Um homem honrado, bramiu a mulher, é um bom chefe de família; um bom chefe de família ganha de qualquer jeito o sustento dos filhos. Ainda que seja roubando.
E Camurça:
- E até a morte!
- Pois mate!
Camurça trincou os dentes, cerrando o punhos"
- Distinção significativa segundo personagem em D. Etelvina "ter categoria social, possuir bens de fortuna, saber aproveita-las, com certa elegância, enfim, não ser um "qualquer". (65)

Os vitoriosos e os perdedores estão presentes no romance O Esperado: Rodrigo Jorge e tinha uma das fazendas hipotecadas e o custeio das outras se arrastando com dificuldades. O Banco Meridional cortava-lhe e crédito dia a dia. Apesar de seus hábitos sóbrios, os deveres de representação oneravam-lhe as rendas. Na sua

casa-grande, de aspectos vetustos, precisa manter a decadência de sempre, e tudo devia estar de conformidade com sua estampa solene de nobreza antiga. Esta nobreza antiga estava em decadência com o surto industrial em São Paulo. Não só os grandes fazendeiros, mas determinados setores da sociedade paulista também estavam vivendo uma situação de penúria:

“E assim, chegada ao fim do mês. O correio trazia as papeladas amareladas dos avisos do Banco, avisando a sua memória, assim. Às vezes coincidia com as circulares da Light, da companhia de Gás, da Telefônica, ameaçando cortes. E Corrégio punha as mãos à cabeça num desespero acabrunhante”.

Depois, eram os cálculos noturnos. As somas, subtrações e divisões. Contas de porcentagens e contas de juros. Adições agradáveis das listas dos que lhe deviam. Tanto para Fulano, tanto para Sicrano. Fazia os cálculos do dinheiro a receber, para verificar se cobrir as dívidas mais imediata. Conferia o dinheiro no bolso. Uma nota de quinhentos, uma de cem, duas de vinte, três de dez, quatro de cinco, oito de mil réis. Total: 698\$000. E os níqueis dois, e dois de quatro, e dois de sete, e dois de oito... No silêncio da casa o relógio pulsava. Corrégio pegava no lápis. Somava os níqueis, as notas, as quantias mais certas a receber. Tudo junto faltava ainda. Recorreria... a quem? Examinava as duplicatas emitidas. Sua clientela não merecia crédito: como endossar e sacar, se o seu limite estava ultrapassado no banco de Lentier? Os próprios agiotas não descontaram. Passava em revistas as caras dos usuários: Climério Barbeta, de queixo comprido, os olhinhos minúsculos, piscando; Alexandre Mafra, gordo e redonda, as macas de rosto vermelhas, o beijo superior revirado para cima, sob o bigode aparado; Chico Maltez, aquilino, curvo, que contava dinheiro com os olhos lúbricos. E Corrégio procurava soluções. Não as encontrava. E ia dormir (dormir?) na noite povoada de apreensões”. (66)

Em sua obra Despertamos a Nação, de Plínio Salgado faz um relato sobre o período de 30, momento em que estava sendo elaborado o romance O Esperado e procura situar o seu ponto de vista sobre o contexto político da época:

“Em 1930, segui para a Europa. O período que vai de 1927 a 1930 revelou-me a impossibilidade de fazer algo de novo dentro dos velhos quadros partidários e sociais do país. Os que se interessam, com a boa ou má intenção, pela minha vida, deverão estudá-la na minha obra jornalística e parlamentar daquele tempo. Estava eu em 30, convencido da urgência de uma revolução de pensamento nacional, da consciência das massas brasileiras. Meus amigos que me levaram à estação (e entre eles Menotti Del Piacchia e Mário Gracioti) perguntavam-me em que estado de espírito eu partia.

“Voltarei, para fazer a nossa revolução”, respondia-lhes.

Depois de percorrer 14 países, como preceptor de um moço de uma família paulista, que me abriu um crédito suficiente para as vultosas despesas, terminei em Paris “O Esperado” e esbocei o manifesto que pretendia lançar o as novas gerações brasileiras. Vira na renovação política na Turquia, o fascismo na Itália, lera uma vasta literatura comunista que circulava em Paris, estudara a social democrática alemã, examinara a pequena Bélgica, meditara no Egito, sobre o Imperialismo Inglês, observava a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem em Portugal, e tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana”. (67)

Quanto à revolução de 30, Plínio via este movimento político brasileiro com bastante apreensão:

Saltando em terra, tratei logo de combatê-la. Era a revolução que defendia um fantasma; a liberal-democracia, concretizada pela Constituição em 1981.

Essa revolução anacrônica saiu vencedora. Ela trouxe um benefício: poupo-nos o trabalho de derrubar uma velha fachada, que escondia os dramas sociais do país. Seus atores, porém, mostravam-se de uma mediocridade espantosa. Com que imenso desespero víamos o Brasil, em 1931, numa dolorosa disponibilidade!... Quanto aos modernistas, Plínio de afasta de seus companheiros de movimento: “rompi com os chamados “modernistas” porque se desviavam de uma revolução necessária”. (68)

Plínio afastava-se dos outros modernistas na medida em que seu modernismo, segundo ele, estaria totalmente desvinculado da cultura européia:

A formação espiritual brasileira, segundo Plínio, tem por base a complexa destruição dos ídolos europeus e o despertar das energias adormecidas no recesso do sangue e da alma do Brasil. Dentro deste contexto (período de 1929 e 1930), o romance O Esperado vai sendo construído. O romance vai sendo elaborado num momento de espera, no período em que estava amadurecendo algumas reformas na sociedade brasileira, mudanças autoritárias, de cima para baixo. Segundo Ítalo Tronca, a idéia de “revolução de 30” talvez seja a construção, mais bem elaborada do pensamento autoritário no Brasil.(69)

No romance O Esperado uma visão crítica da revolução de 30, já estava presente, fazendo lembrar a idéia do realismo crítico onde a opinião do autor nem sempre predominava na obra literária.

No romance O Esperado as descrições da cidade de São Paulo são constantes e talvez de melhor impacto esteja presente no capítulo XXIII:

“O bloco dos arranha-céus do Triângulo destacava-se na tela de astros, vasta peça monolítica de ângulos, de quinas, apoteoses de linhas quebradas, tumulto de ferro argamassa, janelas, iluminadas, e cartazes, e dísticos, vastas legendas com nomes de estrelas de Hollywood, e letreiros luminosos, acotovelando-se, piscando, cambiando cores, arco-irisando as fachadas cúbicas dos prédios”.

Holofotes girando, luzes vestidas de vitrines, e os focos dos postes negros: como etíopes carregando á cabeça, uma bilha de transbordante de raio de sol apanhados na poente do poente na tarde tropical que se extinguiu barrando o horizonte com o fogaréu das nuvens de azarcão.

A multidão, indo e vindo dos passeios, e as filas negras dos veículos, dos bondes iluminados.

Evangelino Tupã considerou um instante a luta impiedosa dos cartazes. Era a cartografia da batalha da grande MetrÓpole. A capa das concorrências, que gritava, cada vez mais alto, nas luzes mais fortes, nos nomes maiores com maior número de lâmpadas, cotovelando-se, superpondo-se, tentando anular-se, uns aos outros, na conquista dos olhos da multidão caprichosa.

Anúncios pequenos e tímidos como franquezas, pequeninas luzes de quadrozinhos insignificante, desapareciam entre os berros estridentes dos imensos tableaux potentes como sóis de cores bizarras e o nome triunfante da marca espetaculosa, retumbante de energia e de gloria.”(70)

Ao fazer uma leitura do romance O Esperado percebemos o caráter mais de depoimento de que de tendência manifesta:

“Os princípios ideológicos que professa um artista, que denominam sua consciência em nível psicológico, que ele deseja fomentar e crê faze-lo, não tem porque ser os mesmos que determinam o caráter de sua criação artística”. (71)

O desprezo pelo integralismo por parte da Critica, fez com que a obra literária de Plínio Salgado ficasse condenada, não merecendo nenhum interesse. Não podemos esquecer as reflexões de Engels sobre Balzac:

“O realismo de que falo manifesta-se até de forma inteiramente alheia à opinião do autor”. O fato de Balzac ter sido forçado a ir contra as próprias simpatias de classe e seus preconceitos políticos, o fato de ter visto o fim inelutável dos seus tão estimados aristocratas e de os ter descrito como não merecendo melhor sorte e o fato ainda ter visto os verdadeiros homens do futuro, no único sítio onde, na época, podiam ser encontrados, tudo isso eu considero como um dos maiores triunfos do realismo e uma das características mais notáveis do velho Balzac”. (72)

No romance O Esperado o projeto autoritário de 30 é visto criticamente como um movimento sem uma ideologia bem delimitada. Os ânimos estavam exaltados. E

havia, para aguçá-los, notícias de revolução no Norte, conspirações no Rio de Janeiro, prisões de gente suspeita. E um trem, com soldados que partiam (diziam), as três da madrugada, não se sabia pra onde, se para as barracas do Paraná, ou do Paranapanema. Estava amadurecendo um movimento político, chamado de revolução do 30, com características fascistas como observa seu líder Getulio Vargas: “A minha diretriz no governo se assemelha ao direito corporativo ou organização das classes promovida pelo fascismo, no período da renovação criadora que a Itália atravessa”.(73)

Observa Boris Fausto:

“o Estado que emergiu da revolução de 30, manteve o papel fundamental da desorganização política da classe operária, reprimindo duramente suas a vanguarda e suas organizações partidárias, ao mesmo tempo que procurava estabelecer com o conjunto da classe um novo tipo de relações. A política de marginalização pura e simples, realizada pelas velhas classes dominantes, não tinha mais condições de se sustentar. Se na plataforma da Aliança Liberal já se encontravam os traços de um maior interesse pelos chamados problemas sociais, as agitações operárias dos primeiros anos da década de 30 acabaram por “sensibilizar”o governo e, definitivo”. (74)

As agitações operárias assim como as agitações daqueles que não desejavam sair do poder estão presentes no romance O Esperado. O narrador procura apresentar a situação e a oposição “sem tomar partido”, todavia estabelece uma crítica ao programa do Partido Popular, que não diferia dos antigos de fé do Partido Dominante.

O partido da situação surge representado pelo pessoal do Conrado: “oitenta capangas, fiscais da câmara municipal, choferes da luz, do Brás, garçons de hotéis das proximidades das estações, secretas das delegacias distritais, carregadores e engraxates, cambistas e passadores de contos-do-vigário. Disfarçado entre outros, o famigerado Jaguar-etê, que guardava dois revólveres no bolso de sobretudo que o

afogava no sol escaldante. Encheram a Praça, invadiram o edifício, velho pardieiros das discussões, inúteis. E galgaram as galerias.

Logo depois, chegou gente do Dr. Becca, homens do Partido Popular, muitos desocupados, pretendentes desatendidos de emprego, ex-funcionários demitidos cruelmente, motoristas, proprietários de pequenos bares, corretores, praticistas, barbeiros e gente avulsa de profissões não definidas. Era a coorte adversária da legião de Conrado, o cabo eleitoral de Canoa.” (75)

A lado do partido da situação e do partido popular estavam os operários que preocupavam profundamente aqueles que estavam no poder.

Eles não tinham uma “ideologia definida”, mas lutavam, por modificações sociais: “duzentos mil operários. A legião dos tecelões, a coorte dos motoneiros dos condutores de bondes a horda dos padeiros, a falange dos vidraceiros a turbados calceteiros, dos lixeiros, dos maquinistas e foguistas, dos pedreiros e carpinteiros, farândolas de homens, mulheres, velhos, meninos, espectros fuliginosos, que vinham aos magotes do Ipiranga, da Mooca, do Pari, do Belenzinho, da Luz, do Bom Retiro, indeterminada, imprecisa, sem um objetivo exato, mas rouquejando num resmungar abafado de procela, e marcando a cadência soturna da hora trágica, com o ritmo de chumbo de seus passos reboantes como um coro de bumbos...

Chegava com a tempestade que despejava catapultas da água roncando pelas sarjetas como estrupidos de cavalos, em gorgolões esertorantes, trepidantes de enxurradas bravas”. (76)

A greve geral era o momento operário que tomava corpo no início da década de 30 em São Paulo e preocupava os setores dominantes.

“A greve geral inundava a baixada do Brás, como uma enchente do Tietê. Pelas vendas, pelos botequins, pelas praças, pelos passeios, pelos pátios das fabricas, nas esquinas, por toda a parte , homens pardos, fuliginosos, que falavam e gesticulavam.”

“E constava que havia, também, soldados, descontentes”...

A não satisfação com o momento em que passava o país e um desejo forte de mudança, de destruição do sistema era um ponto essencial: “Não traziam idéias, nem traçavam um plano de ação, nem se

inspiravam por um sonho. No entanto fixaram o mesmo objetivo. A derrubada. A destruição”. (77)

O personagem Rodrigo Jorge, candidato a governador do Estado, traçava seu plano de governo que caracterizava bem determinada ideologia política do momento:

“Não chegaria nunca a atirar uma bomba, mas seria impiedoso, quando galgasse as escadas dos Campos Elíseos. Governaria sem compromisso, traçaria um programa nacionalista. E, afinal, o que seduzia mais eram as continências do estilo, o automóvel oficial como uma grande estrela de raios largos, a bandeira brasileira no tope do palácio, indicando a sua presença no recinto, as marchas batidas das bandas militares, á sua passagem, as recepções de embaixadores e plenipotenciários, lugar do honra junto ao trono do Arcebispo nas missas solenes, o papel timbrado da presidência, os trens especiais para excursões brilhantíssimas em que fazia discursos, com o hino nacional, retumbante e morteiros de festim”. (78)

Com podemos observar, um havia m projeto de governo. O formalismo assumiu o seu lugar. Este era, como bem dizia o titulo da terceira parte do romance, o ofício das trevas.

Os dois últimos capítulos do romance O Esperado procuram caracterizar o desejo de mudança, mas sem um princípio que determine os fins:

“A febre tinha galgado a coluna, termométrica oscilando na altura dos quarenta. Edmundo, no seu delírio, imaginava embalar-se numa rede, no calor emormarçado dos estilos brasileiros. Uma paisagem com palmeiras recortadas no firmamento azul, de ar parado. Um silêncio de meio-dia, de luminosidade cegante. Enormes arvores passadas, com balanços de cipós. Onde lerdos bichos preguiça serravam as pálpebras dormentes. Molezas felinas de onças dormitando na sombra das grotas boas. Lagoas, igarapés do Norte; sangas esverdeadas do Sul. Tabuleiros infinitos, causticado de canículas. Matas impermeáveis onde o vivo rubro das flores equatoriais, o violeta-cinza das quaresmeiras e o ouro cegante dos ipês. E planos indefinidos, pântanos largos e negros, pesados. Com antas pesadas, andando. Subia um rumor de tudo aquilo. Era uma marcha lenta e lerdada.

- Ouço passos, estão andando...

Parecia uma procissão vagarosa. Numerosa. De todos os lados de carta geográfica do Brasil... Eram pés nas calçadas, nas estradas, nas campanhas, nos pântanos. Que vinham do Nordeste, que vinham da Amazônia; que se espraiavam pelo planalto do Centro; que se multiplicavam nas Campinas, nas planuras de Goiás, de Mato Grosso. Pelas pastagens de Minas, pelas ruas de café de São Paulo, na ondulação das coxilhas meridionais.

Quarenta milhões de seres humanos andando. Oitenta milhões de pés, movendo-se lerdos e pesados, mais inflexíveis e insistentes.

- Escutem.... Há um rumor de passos.

O Brasil está andando... São multidão que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas nem dos ventos. Ouço passos andando..." E no último capítulo do romance surge apenas esta frase: "Para onde?".(79)

Como observa José Chasin , "O Esperado finda com Edmundo, em delírio, tendo a premonição da marcha de todo o povo brasileiro". Mas "ninguém sabe o destino da marcha, desconhece-se para onde ela vai".(80)".

A sociedade brasileira passava por um processo de modernização sem modernidade., ou sem uma ideologia espiritualista como pensava Evangelino Tupã. Era uma revolução que surgiu em 30 sem um ideal revolucionário:

"Estávamos chamando também "revolucionários" uma chusma de indivíduos cujo único papel foi pegar em armas para derrubar o governo, sem saber o que fazer depois. Esses indivíduos, muitos dos quais bem intencionados, mas sem idéia consciente de revolução, insistem em pretender o título de revolucionários, teimam em pensar que a eles é que compete governar a Nação, sem que tenham mentalidade, nem temperamento, nem iniciação revolucionária, em qualquer sentido sociológico ou político. Eles agiram como reflexos de descontentamento indefinidos e pensam agora que são revolucionários." (81)

O romance O Esperado apresenta momentos de crise das grandes metrópoles. Este romance é classificado como social do decênio de 30, e não podemos desconhecer o valor deste texto como valiosa contribuição para o conhecimento do período que antecedeu à revolução de 30 no Brasil. Um livro importante para elucidar o

período em que o romance O Esperado foi escrito, chama-se Madrugada do Espírito, coletâneas de ensaios de Plínio Salgado. Alguns foram inscritos em 1931 e são importantes para caracterizar a visão do mundo de Plínio naquele momento. Plínio Salgado não via com bons olhos a chegada do século XX com a modernização. Havia o desejo de retrocesso no pensamento pliniano. Num período que antecedia a 2ª Guerra, Plínio via com receio a modernização. Em 1931 Plínio Salgado escreveu um ensaio com o seguinte título: O mundo prepara o catástrofe onde são relatados os milagres da modernização e o que de negativo chegou com a transformação no século XX:

“as cidades cresceram para os céus. Os mares coalharam-se de naves de aço. O homem percorre a ampliação com asas de águia. A terra multiplicou as suas messes, as indústrias multiplicaram os seus benefícios. Todos os confortos imagináveis se tornaram realidades banais. Todos os sonhos de beleza e magnificência foram ultrapassados. E nunca o homem dominou mais os elementos, nunca imperou melhor sobre a natureza.

Rufam os motores dos aviões, gritam locomotivas; fonfonam os automóveis uivam as sereias das fabricas; estrondam as usinas; magem os navios; sibilam póles; estridulam guindastes; cantáramos rádios...É a sinfonia planetária...”(82).

Mas com toda essa modernização, nunca houve desespero maior, nunca o ser humano mergulhou em confusão tão grande, tão desnorteadora.

Nas modernas Babilônias cresce a legião dos desocupados; os vagabundos disputam um pedaço de pão; há criaturas sem teto, que dormem, ao relento, ou na promiscuidade dos albergues; e o próprio trabalho já não é prazer, mas uma triste manobra de manivelas e de alavancas, onde toda a iniciativa do espírito desapareceu.

Outrora, o trabalho tinha qualquer coisa de fino, feito de amor e de entusiasmo, de esperança de alegria íntima, criadora ; e, agora, o homem sente-se,

cada vez mais, submetidos a um ritmo mecânico que o vai transformando, dia a dia, numa peça do maquinismo da produção.

Não amando, mas o trabalho (e só se ama aquilo onde se realiza a função do espírito com as necessidades da matéria); vendo a “arte” ser substituída pela “técnica”; afeição individual do artefato anula pela feição uniforme da produção em série; a tendência das vocações contrariada pelas possibilidades das colocações, - o homem moderno vai-se tornando um autômato, um boneco de carne e ossos que será possivelmente substituído por um outro boneco de aço e ferro, quando o barateamento do custo da produção e racionalização do trabalho, levada aos extremos que a técnica sugere, determinar que assim seja. Temos, segundo Plínio Salgado, no século XX, a morte total do espírito. O homem hoje volta para uma forma imprevista de teocracia. Quer ser governado pelo sumos sacerdotes do ateísmo. Aceita a grande razão da técnica e do capital. Aceita desaparecer como gota de água no oceano do coletivismo onde toda personalidade se destrói. Segundo Plínio Salgado, em 1931, estavam presentes duas características: O Espiritualismo de Lenine: a estátua de Lenine e a adoração das massas em torno do grande ídolo que, longe de ter uma significação, exprime, através da sublimação política, a cristalização do fenômeno religioso sob a compreensão do dogmatismo científico.

O fenômeno russo já não pode ser tomado, em hipótese alguma, como já expressão de negação do espírito, de aspirações transcendentais.

A luta que se abriu no país dos soviets contra todas as religiões foi um movimento ao qual podemos denominar sem receio de erro: o grande movimento religioso da Rússia”. Plínio Salgado reconhece que naquele momento algo de positivo

havia acontecido na Rússia: “ Nessa hora angustiada do mundo, a Rússia está ensinado-nos que é preciso crer, seja no que for, mais crer”.

Em seu ensaio O Século do Jazz – Band, Plínio Salgado faz um balanço sobre o final do século XIX e início do século XX. Segundo Plínio não podemos imitar os séculos pelo calendário, os séculos interpenetram-se:

“O século XIX está morrendo em pleno século XX..Basta auscultar o Mundo de hoje, para se sentir que alguma coisa agoniza. A um surda tristeza na civilização contemporânea...

São inadaptados a velocidade e à sinfonia deste glorioso século XX. Esta tristeza está no século XX, mas não lhe pertence e angustia do século XIX que se debate contra a morte. Já alguns espíritos descobrem o sentido novo da alegria e da força. São os vanguardeiros. O resto da humanidade é o século XIX que agoniza”.

(83)

O aspecto interessante deste ensaio é que alguns problemas do século XX já estavam bem desmarcados. A questão ecológica que começa a tomar corpo bem mais tarde já estava presente: “nunca o homem se rebelou tanto contra a Natureza.

E é essa civilização que se chama “a civilização libertada dos preconceitos”, a civilização que criou os movimentos ágeis e livres do homem, a suprema euforia”...No século XX o predomínio da vida urbana sobre a rural traz para a civilizações graves,conseqüências:

“Crescem as cidades tentaculares,os arranha-céus galgam as nuvens as fabricas multiplicam as suas chaminés, A maquina expulsa os homens das usinas. O homem morre de fome nas ruas; a fome gera a revolta e o ódio.

O trabalho humano passa a ser uma mercadoria perde a sua dignidade. O operário transformasse num autômato.

Tão absurda civilização vem incrementar toda a sorte de egoísmos.

Tudo se resolve com dinheiro.
 Sentimento, afeto, honra, elevação moral, nada vale. “Quanto tendes, quanto vales anda tentes, nada veles”, diz o rifão.
 O exibicionismo da riqueza atinge o auge.
 A ostentação dos ricos torna-se insulto permanente dos pobres.
 E os pobres, educados na mesma escola também aninham do seu coração a cólera surda, a inveja, o egoísmo.
 “É satã quem governa o mundo”. (84)

No século XX o homem moderno destrói segundo Plínio até seu lar doméstico: “A casa é substituída pela “maquina de morar”. É o apartamento de aranha-céu, onde todas “máquinas de habitação” são iguais uma as outras.

A arquitetura moderna é triste como um túmulo.

É um cemitério de vivos.

Pior que os cemitérios. Pois neste existe a alegria das casuarinas, a harmonia dos arbustos e das flores.

A vegetação do apartamento e de cactos. Nas tinas e nos vasos, nascem esses fantasmas vegetais. São caules das folhas, a carícia amável.

Os cactos dos vasos vermelhos nas estantes geométricas ou nos cubos dos aparadores são engelhados e ríspidos como os sentimentos do coração de uma época sem delicadezas”.

Neste século XX, o homem, observa Plínio, é a mercadoria mais desvalorizada: ninguém deixa morrer de fome um, cavalo, um boi, um cão de raça, um papagaio, porque valem dinheiro.

Mas, nas mansardas miseráveis morrem criancinhas por falta de alimento”.

O século XX caminha, segundo Plínio, sob o signo do medo e da tristeza: Tendo-se libertado do que chamava do preconceito religioso o Homem criou o terror do seu próprio semelhante.

Os governos temem os povos e os povos temem os governos.

Os patrões temem os operários e os operários temem os patrões.

Os capitalistas temem-se uns aos outros. Guerreiam-se os industriais, não porque lhes seja agradável a luta, mas pelo pavor da concorrência. Os comerciantes guerreiam-se, cada qual atemorizado pela perspectiva da própria ruína. Já não há confiança. E o medo que domina a humanidade.

Esse medo provem da certeza em que todos estão de que já não há um ponto de apoio comum, uma suprema lei moral, uma suprema finalidade, que deve condicionar todos os problemas e todas as ambições.

Caímos, assim, nos dias de hoje, nos tempos dos trogloditas.

No mundo moderno, a alegria segundo Plínio Salgado, foi substituída pelo prazer, a liberdade política, liberdade moral que criou, por sua vez, a liberdade dos instintos: o mundo pagão, o mundo ocidental, o mundo livre, libertado de todos, os terrores religiosos, de todos os preconceitos morais, o mundo opulento, que criou o aranha-céu e o "Jazz", que proclamou todas as liberdades caminha, solitário e trágico, como uma marcha fúnebre...

No ensaio Sentido da Tristeza e da alegria (1931), já surge uma solução para os problemas do século XX: Parece absurdo, mas materialismo e do experimentalismo gerou-se a "ilusão", ao passo que espiritualismo proveio o senso do equilíbrio da verdade". A solução para os problemas do mundo moderno estaria no espiritualismo

cristão. A solução, segundo Plínio, devemos encontrar na religião cristã. Tudo já está designado por Deus. O homem não tem poder de mudar a realidade. O comunismo em leitura reducionista feita por Plínio Salgado, amplia os horizontes da economia, ensaiando um regime que destrói a liberdade e a personalidade. O trabalhador cristão é feliz na sua pobreza, porque se sente cercado do amor e do carinho da sua esposa e dos seus filhos. Todavia Marx em seu manifesto comunista observa como a felicidade e a família deixam de existir onde houver a sociedade capitalista.

Ao lado da defesa de um mundo cristão está a tecnologia, o homem cristão “submete-se a uma Vontade Superior”. E o que é a felicidade para Plínio. É um senso de limites. O homem cristão é resignado pois muito pouco no mundo poderia ser mudado pelo homem numa perspectiva cristã.

4- Conclusão

Como podemos observar no desenvolvimento desta tese, a questão de uma concepção do mundo fatalista, formalista e teleológica, vem caracterizada nos diversos exemplos dos romances de Plínio Salgado e foram colocados em evidência constantemente nos textos analisados.

Estabelecemos sempre que possível uma relação entre o futurismo italiano que desembocou no fascismo e algumas características do modernismo presentes nos romances "O Estrangeiro" e "O Esperado", que já estavam fundamentando o Integralismo que floresce em 1932 em seu primeiro manifesto.

Não podemos deixar de enfatizar que o período que delimitou nossa reflexão sobre a obra literária de Plínio Salgado começa em 1926 até 1930. Neste período dois acontecimentos marcam a vida brasileira: o movimento artístico de 22 e a Revolução de 30.

Surgem nos romances analisados inovações formais que tinham como função primordial a defesa do conservadorismo:

“ aceitamos todas as intuições conservadoras, pois é dentro delas mesmos que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma da nossa gente, através de todas as expressões históricas”. (85)

Estamos aqui diante da modernização conservadora tão bem definida por Celso Furtado.

Também Roberto Schwarz viu este universo de mudanças superficiais ou pleno continuísmo:

“um latifúndio pouco modificado viu passarem as maneiras barroca, neoclássica, romântica, naturalista, modernista e outras, que na Europa acompanharam e refletiram transformações imensas na ordem social”. (86)

Na Literatura, o imobilismo e a pregação conservadora, surge paralelos às mudanças formais:

“Para as artes, no caso a solução parece mais fácil, pois sempre houve modo de adorar, citar, macaquear, saquear, adaptar ou devorar essas maneiras e modos todas, de modo que refletissem, na sua falha, a espécie de torcicolo cultural em que nos reconhecemos”. (87)

A mentalidade conservadora brasileira, segundo Paulo Mercadante, distingue-se da Europa por suas singulares feições conciliatórias. No século XIX teve que conciliar o liberalismo econômico com o regime escravista.

Neste universo da conciliação, o formalismo torna-se preponderante; nos romances de Plínio Salgado surge o descompasso entre forma e conteúdo. Observa Brecht: “Só os novos conteúdos toleram as novas formas”.

Foi desenvolvida nesta tese uma interpretação ideológica do texto literário; em seus Ensaio Críticos, Roland Barthes já estabelecia as peculiaridades da crítica ideológica em oposição à crítica universitária. Nesta perspectiva torna-se fundamental uma interpretação política do texto literário. Como observa Frederic Jameson a perspectiva política não deve ser vista como um método suplementar, “mas como horizonte absoluto de toda a leitura e de toda a interpretação”. (88)

Como observa Jameson:

“somente o marxismo pode ns oferecer um relato adequado do mistério essencial do passado cultural, que, com Tirésias bebendo sangue, volta momentaneamente à vida e pode mais um vez falar, revelando sua mensagem a muito esquecida em ambientes que lhe são totalmente alheios. Esse mistério só pode ser restabelecido se a aventura humana for única: só assim e não por meio das ligações dos anacrônicos ou das projeções dos modernistas- podemos vislumbrar as exigências vitais que nos são feitas por questões a muito esquecidas como a alternância sazonal da economia de uma tribo primitivas, as apaixonadas disputas quando à natureza da trindade os modelos conflitantes da polis ou do império universal, ou que aparentemente está mais próximo de nos no tempo as empoeiradas polemicas parlamentares e jornalísticas das nações estados do século XIX”. (89)

Através de uma interpretação ideológica do romance O Estrangeiro constatamos a presença evidente do fatalismo histórico e do teleologismo. Não foi por acaso que a ideologia autoritária e totalitária sempre estava calcadas nestes princípios.

Está tese foi elaborada com a preocupação em estudar a obra literária de Plínio Salgado, tão pouco estudada pela crítica.

Poucos, quase casuais, são os comentários que a crítica, até agora, teceu ao produto literário de Salgado. Mesmo assim dentro dessa pobreza, há que distinguir dois momentos: um mais recuado, e quantitativamente menos parco, que se desdobrou na seqüência à publicação de O Estrangeiro, e outro, menos longínquo paupérrimo, e que se estende a partir do instante em que Plínio assume ostensivamente o papel de líder político. Óbvia é a natureza política da determinante de tal comportamento. Todavia mais incoseqüente, precisamente do ponto de vista político-ideológico, em semelhante procedimento. Deveria, pelo menos, ter chamado a atenção da crítica o fato de autores não comprometidos com o integralismo terem dedicado algumas reflexões e não poucos elogios ao O Estrangeiro, quando de seu aparecimento.

Evidentemente o fundamental não é a importância ou a desimportância literária de Salgado. Mesmo porque, cremos, para a análise literária a desimportância literária é também uma questão, um fenômeno-social significativo e, como tal, deve ser encarado como objetivo científico. Razão pela qual não duvidamos que seja verdadeira, mas não julgamos que seja suficiente simplesmente para afirmar a “desimportância” literária de um Plínio Salgado”. (90)

Como observa Wilson Martins, a construção ficcional de Plínio Salgado presentes nos romances O Esperado e O Estrangeiro foram muito mais ricas antes do escritor se integrar totalmente na política. Talvez o Plínio romancista tenha em muito superado o Plínio ideológico político, o que não era o seu desejo.

O período (1922-1930) delimita certas características na obra de Plínio Salgado. Como observa Antônio Cândido uma das tarefas primordiais do estudioso é alterar as noções dominantes e transformar em problema o que era considerado fato estabelecido. A presença de certos aspectos já estavam presentes nos romances de Plínio. Inscrito num panorama de capitalismo atrasado, observa Antônio Cândido, o presente e sobretudo o futuro lhe causaram medo, e ele incorporou um Máximo de tradição ruralista e patriótica, refugando a indústria do mundo industrial.

Após a leitura da tese de José Chasin sobre o integralismo de Plínio Salgado, Antonio Cândido chega a conclusão sobre este movimento: “se não foi um fascismo, foi certamente um semi-fascismo verde-amarelo, que não chegou talvez a definir toda sua fisionomia nos cinco anos que durou oficialmente”.(91)

Como observa Ângelo Trento, as autoridades diplomáticas italianas não viam com bons olhos as idéias de Plínio Salgado:

“Apesar de uma evidente identidade de matrizes, a diplomacia italiana (que o fascismo moldara numa diretriz de fidelidade ideológica) percebia que um dos fundamentos políticos dos dois movimentos – o nacionalismo – vinha a ser elemento de conflito, e não de aproximação. Além disso, efetivamente, o conceito de brasilidade criava profundos temores na diplomacia italiana, que eram transmitidos ao governo fascista”.(92)

Nesta tese seguimos uma reflexão onde procuramos ver Plínio Salgado muito mais próximo de De Maistre, De Bonald, Lammenais e Donoso Cortés, Papa Pio IX, do que de Mussolini. O estudo de Roberto Romano sobre o conservadorismo romântico como base para o totalitarismo torna-se fundamental para a compreensão da ideologia de Plínio Salgado. Também o escritor brasileiro tinha profunda admiração pelo romantismo conservador ultramontano.

Providencia, antiindividualismo catolicismo: estes, os focos principais da vida política considerada saudável. Pontos que, no ideário das restaurações não se desligam do culto pela ciência e pelo gênio, por mais paradoxal que isto possa parecer.

Quanto ao fatalismo e ao teleologismo, procurei não esquecer os ensinamentos de Frederic Jameson:

Na verdade nenhum modelo ativo do funcionamento da linguagem, da natureza, da comunicação, ou do fato da fala, nem a dinâmica da mudança formal e estilística é concebível sem implicar com uma filosofia da história segundo Jameson.

Como observa Jerzy Topolski em sua “Metodologia Della Ricerca Storica”, o fatalismo pressupõe que independentemente das ações humanas, a história segue numa determinada direção. O teleologismo (ou finalismo) é uma tese segundo a qual

tudo na natureza e na sociedade está organizado segundo um fim designado por uma força divina superior:

“Marx saldou calorosamente o “o golpe mortal” desferido por Darwin “à teleologia nas ciências da natureza”. Esse entusiasmo é coerente com sua admiração por Spinoza, cuja filosofia da substância excluiu qualquer recurso , as causas finais: “ A natureza não tem um fim prescrito e todas as causas finais não são mais que ficções dos homens”. (93)

O que Marx sustenta em Darwin é o combate contra a velha teologia religiosa, que confere à história do mundo um destino e um fim providenciais.

Plínio Salgado com seu espiritualismo e sua luta contra o materialismo abraçava com todas as forças a visão teleológica da sociedade.

Assim sendo contamos ter contribuído para novas reflexões sobre os romances *O Estrangeiro* e *O Esperado* de Plínio Salgado assim como para melhor compreensão do contexto social brasileiro no período de 20 a 30. A importância e a contribuição social dos romances de Plínio Salgado para o conhecimento do que ocorreu no Brasil, mais especificadamente em São Paulo, no período de 1922 a 1930 torna-se patente. A ciência como já observava Bohr, tem como função predominante a eliminação gradativa dos preconceitos. Surge a necessidade de tirarmos a obra literária de Plínio Salgado do ostracismo e situarmos seus romances dentro de um movimento literário tão complexo, ambíguo e contraditório chamado Modernismo.

5 - Notas de Referência

- 1- Romero, Sylvio de Provocações e debates Porto, 1910 – p. 407
- 2- Silvia, Sergio. Expansão cafeeira e origens da industria no Brasil – São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1978 p. 94-95.
- 3- Andrade, Oswaldo de Ponta de lança. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1971 p. 95
- 4- Andrade, Mário de. Aspecto de literatura brasileira. São Paulo, Ed.. Martins, 1974, p. 231
- 5- Merquior, José Guilherme e outros. Revista da Faculdade de Letras da UFRJ, letra n°2, p. 95
- 6- Brecht, Bertolt. Scritti sulla letteratura e sull'arte. Torino, Giulio Einaudi editore, 1975. p. 327
- 7- Eco, Umberto. Interpretação e superinterpretação. São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 29.
- 8- Salgado, Plínio. Desperteímos a nação! Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1935, p. 5
- 9- Martins, Wilson. A idéia modernista. Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2002, p.139
- 10- Idem, p. 141
- 11- Salgado, Plínio. O Estrangeiro. São Paulo, Editora das Américas, 1956, p. 225
- 12- Bobbio, Norberto. Dicionário de política. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1986, pg.635-636.
- 13- Marx, Karl. Antologia Filosófica. Lisboa, Ed. Estampa, 1974,pg:198-199.
- 14- Topolski, Jerzy. Metodologia della ricerca storica. Bologna, Ed. Al Mulino, 1975, pg.307-308.
- 15- Salgado, Plínio – Sentimentais. São Paulo, Ed. das Américas, 1956, pg-357.
- 16- Salgado, Plínio – O Estrangeiro. São Paulo, Editora Panorama, 1948, pg-50

- 17- Carelli, Mario. Carcamanos e Comandadores. São Paulo, Ed. Á
- 18- Op. Cit., p.15
- 19- Op. Cit., p.134
- 20- Op. Cit., p.184
- 21- Op. Cit., p.184
- 22- Coutinho, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Sul Americana, 1970, vol.V, pg. 264
- 23- Op. Cit., pg.264
- 24- Salgado, Plínio. O Estrangeiro. Pg-228
- 25- Luxács, Gerg. Ensaio sobre Literatura. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1969, pg. 54
- 26- Op. Cit., pg. 55
- 27- Adorno, Theodor W. Notas de Literatura, Ed. Ariel, 1962. pg. 46
- 28- Benjamin, Walter. Obras escolhidas Vol. 1. São Paulo, Ed. Brasiliense, pg. 197-198
- 29- Op. Cit., pg.203
- 30- Adorno, Theodor W. Critica Cultural y Sociedad, Barcelona, Ed. Ariel, 1969, pg.. 130.
- 31- Op. Cit., pg.268
- 32- Idem
- 33- Leite, Lígia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo, Ed. Ática, 1989. pg. 29
- 34- Carvalho, Tânia Franco. Literatura Comparada. São Paulo, Ed. Ática, 1986, pg.39
- 35- Bakhtin, Mikhail. Estética da criação verbal.São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, pg. 363

- 36- Marx, Karl - O 18 Brumário de Louis Bonaparte. Lisboa, Ed. Progresso, 1982, pg. 21
- 37- Op. Cit.,pg.307
- 38- Tronca, Ítalo. Revolução de 30: a dominação oculta. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, pg. 92-93
- 39- Micheli, Mario de. As vanguardas Artísticas. São Paulo, Martins Fontes, 1991 pg. 202, 203-204
- 40- O Estrangeiro, pg. 36
- 41- Op. Cit., p.56
- 42- Op. Cit., pg. 214-215
- 43- Op. Cit., pg.151-152
- 44- Op. Cit., pg 152
- 45- Op. Cit., pg 132
- 46- Op. Cit., pg146
- 47- Op. Cit., pg154
- 48- Op. Cit., pg.123
- 49- Op. Cit., pg.101
- 50- Idem
- 51- Op. Cit., pg.166
- 52- Salgado, Plínio. O Esperado. São Paulo, Editora das Américas, 1955, nota introdução
- 53- O Esperado. pg. 34
- 54- O Esperado. pg. 39
- 55- Miner, Earl. Poética Comparada. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1996, pg. 246 e 247
- 56- O Esperado. pg. 69

- 57- Romano, Roberto. Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997, pg. 18-19
- 58- Op. Cit. , pg. 20
- 59- Salgado, Plínio. Despertamos a nação! São Paulo, Ed. Das Américas, 1955, pg.. 59
- 60- Op. Cit. , pg. 68
- 61- O Esperado. Prefácio da primeira edição
- 62- O Esperado. pg. 315 e 297
- 63- O Esperado. pg. 206
- 64- O Esperado. pg. 207
- 65- O Esperado. pg. 217
- 66- O Esperado. pg. 231
- 67- Op. Cit., pg. 19, 20 e 21
- 68- Idem, pg. 14
- 69- Tronca, Ítalo. Revolução de 30: a dominação oculta. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, pg. 7
- 70- O Esperado. pg. 330
- 71- Hauser, Arnold. Fundamento de la sociología del arte. Barcelona, Ed. Labor, 1982, pg.173
- 72- Marx, Engels. Sobre a Literatura e a Arte. Lisboa, Ed. Estampa, 1971, pg.197 e 198
- 73- Fausto, Boris. A revolução de 1930. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1972, pg. 110
- 74- Idem. Pg. 107 e 108
- 75- O Esperado. pg. 373 e 374
- 76- O Esperado. pg. 386

- 77- O Esperado. pg.366
- 78- O Esperado. pg. 372
- 79- O Esperado. pg. 390 e 391
- 80- Chasin, J. O Integralismo de Plínio Salgado. São Paulo, Livraria Editora. Ciências Humanas Ltda, 1978, pg. 281
- 81- Salgado, Plínio. Psicologia da Revolução. São Paulo, Editora das Américas, 1955, pg. 76 e 77
- 82- Salgado, Plínio. Madrugada do Espírito. São Paulo, Editora das Américas, 1955, pg. 341.
- 83- Idem. pg.359
- 84- Idem. pg. 363
- 85- Helena, Lucia. Modernismo Brasileiro e Vanguarda. São Paulo, Ed. Ática, 1996, pg. 78
- 86- Estudos CEBRAP 3, pg. 158 e 159
- 87- Idem
- 88- Jameson, Frederic. O inconsciente político. São Paulo, Ed. Ática, 1992, pg.15
- 89- Idem. pg. 17
- 90- Chasin, J. O integralismo de Plínio Salgado. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1978, pg. 255
- 91- Chasin, J. Op. Cit; pg.20
- 92- Trento, Ângelo. Fascismo Italiano. São Paulo, Ed. Ática, 1986, pg. 78 e 79
- 93- Bensaid, Daniel. Marx, O Intempestivo. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1999, pg. 42

6- Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. Critica Cultural y Sociedad. Barcelona, Ed. Ariel, 1969.

-----Mínima Morali. São Paulo, Ed. Ática, 1992

-----Notas de literatura, Barcelona, Ed. Ariel, 1962.

ADORNO, y. Horkheimer, La sociedad. Bueno Aires, Ed. Proteo, 1969.

AGOSTI, Hector P. ideologia y Cultura. México, Ed. Cartago, 1981.

AMARAL, Azevedo. O Estado Autoritário e a Realidade Nacional. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981.

ANDRADE, Mario de. Aspecto da literatura brasileira. São Paulo, Ed. Martins, 1974.

ANDRADE, Oswald, Memórias sentimentais de João Miramar. São Paulo, Difusão Européia do livro, 1964.

----- O baile das quatro artes. São Paulo, Ed. Martins, 1974.

----- Ponta de Lança. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira. 1972.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional, São Paulo, Ed. Ática, 1989.

ANDRADE, Almir de. Força, Cultura e Liberdade. Rio de Janeiro, Ed. Jose Olympio, 1940.

ANTUNES, Ricardo. Lukács: Um Galileu no século XX. São Paulo, Ed. Boitempo, 1996.

ARISTOTELES. Obras, Madri, Ed. Aguilar, 1967.

ARON, Raymond. Democratie et totalitarisme. Paris, Gallimard, 1965.

ASSIS, Machado de Crônicas-Crítica-Poesia-Teatro. São Paulo. Editora Cultrix, 1961.

AUERBACH, Erich. Mimesis. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

ÁVILA, Affonso. O modernismo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1975.

ÁVILA, Affonso. O poeta e a consciência crítica. Petrópolis, Ed. Vozes, 1969.

AZEVEDO, Plauco Faraco de. Limites e justificativas do poder do Estado, Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Ed. Martins Alonso.

BARROSO, G. A palavra e o pensamento integralista. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1936.

BARBOSA, João Alexandre. A metáfora crítica. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.

BARROSO, Gustavo. Integralismo e Catolicismo. Rio de Janeiro, Ed. J. Olympio, 1935.

BARTHES, Roland. Ensayos Criticas. Barcelona, Editorial Seix Brral, 1967.

BARTHES, Roland. Ensayos Criticos. Barcelona, Editorial Seix Brral, 1967.

BASTIDE, Roger. Arte e Sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1971.

BASTOS, A. C. Tavares. Os males do presente e as esperanças do futuro. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. L'Opera D'Aerte nell'epoca della sua riproducibilitá técnica. Torino, Einaudi Editore, 1966.

BENJAMIN, Walter. *Ângelus Novus*. Torino, Einaudi Editora, 1962.

----- . *Obras escolhidas, Vol.1*, Ed. Brasiliense. 4 ed.

----- . *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

----- . *Ensayos Escogidos*. Buenos Aires, Editorial, 1967.

BENEDETTI, Mario. *Letras del continente mestizo*. Montevideo, Arca Editorial, 1974.

BENSAID, Daniel. *Marx o intempestivo*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2000.

BENSAQUEM, Ricardo de Araújo. *Totalitarismo e Revolução*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

BOAVENTURA, Edvaldo. *Como ordenar as idéias*. São Paulo, Ed. Ática, 1988.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

BOHR, Niels. *Física atômica e conhecimento humano*. Rio de Janeiro, Contraponta Editora, 2000.

BOMENY, Helena. Guardiões da razão. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Edição tempo brasileiro, 1994.

BONALD, Louis Gabriel. Ambroise. Esprit. Tournay, Pyp. De Casterman, 1841.

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Ed. Cultrix, 1982.

BOTELHO, Fernanda(org.) Gigantes da Literatura Universal. Lisboa, Editorial Verbo, 1972.

BRAVO, Alvarez. Lezama Lima. Monterideo, Arca Editorial, 1968.

BRECHT, Bertolt. Scritti sulla letteratura e sull arte. Torino, Giulio Einaudi editore, 1975.

BRITO, Mário da Silva. História do modernismo brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1973.

_____. Poesia do modernismo. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.

BURON, Thierry. Los Fascismos. México, Fondo de Cultura Econômica, 1983.

CAMPOS, Francisco. Discussão Parlamentares. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1979.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade, São Paulo, Ed. Nacional, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981.

CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. São Paulo, Ed. Duas cidades, 1977.

CÂNDIDO, Antônio. Tese e antítese. São Paulo, Ed. Nacional, 1978.

CARPENTIER, Alejo. A literatura do maravilhoso. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, 1987.

CARELLI, Mario. Carcamanas e comendadores. São Paulo, Ed. Ática, 1985.

CARPEAU, Otto Maria. Tendências Contemporâneas da Literatura. Rio de Janeiro, Ed. Ouro. 1968.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

CARVALHO, Jose Murilo de. Os bestializados. São Paulo, Companhia de Letras, 1997.

_____. A formação das almas. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Silvio. Teoria e política do modernismo brasileiro. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.

CASSIRER, Ernest. Kant, sua y doutrina. México, Fondo de Cultura econômica, 1968.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo. Bauru, São Paulo, Ed. USC, 1999.

CHASIN, J. O integralismo de Plínio Salgado. São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas Ltda. 1978.

CHIARINE, Paolo. Bertolt Brecht. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

CHIPP, H.B. Teoria da arte moderna. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Sul Americana, 1970.

-----, A literatura no Brasil, São Paulo, Ed. Global, 2004.

-----, Por uma crítica estética. Ministério da Educação e Cultura, 1954.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Tecnoprinte, 1969

DA COSTA, Emilia Viotti. Da monarquia a republica: momentos decisivos. São Paulo, Editora Grijalbo, 1977.

DASCAL, Marcelo. Conhecimento, linguagem, ideologia. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1989.

DARWIN, Charles. A origem das espécies. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

DEL PICCHIA, Menotti. Solução nacionais. Rio de Janeiro, Ed. J. Olympio, 1935.

_____. O gideão do modernismo. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1983.

DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2003.

DERRIDA, Jacques. De que amanhã... Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2004.

_____. A escritura e a diferença. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971

_____. Gramatologia, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.

DIVERSOS. Realismo e anti.- Realismo na Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1974.

DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.

DOREA, Augusta Garcia R. O romance de Plínio Salgado. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, 1956.

DUVIGNALD, Jean. Sociologia Del Arte. Barcelona, Ed. Península, 1969.

ECO, Humberto. Interpretação e superinterpretação. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. Lo sagrado y lo profano. Madrid, Ed. Guadarrama, 1969.

ENGELS, Fredrich. A dialética da natureza. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2000.

ERLICH, Victor. Il formalismo russo. Milano, Valentino Bompiane. 1966.

FABRIS, Annateressa. Futurismo: uma poética da modernidade. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.

FAUSTO, Boris. Historia Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, Ed. Difel, 1983.

-----, O pensamento nacionalista autoritário (1920/1940) Rio de Janeiro, Jorge Wahar Editor, 2001.

FIORIN, Jose Luiz. Linguagem e ideologia. São Paulo, Ed. Ática, 2004.

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. Lisboa, Ed. Ulisseia, s/d

FOSTER, John Bellamy. A ecologia de Marx. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

FREDERICO, Celso. Lukács: um clássico do século XX. São Paulo, Eed. Moderna, 1997.

FREUD, Sigmund. Obras completas, Madrid, Biblioteca Nova, 1975.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo, Ed. Nacional. 1979.

FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. São Paulo, Círculo do Livro.

GALKIN, Alejandro. Facismo, nacionalismo, falangismo. Ed. Allende, México.

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. São Paulo, Ed. Ática, 2003.

GIANNOTTI, José Arthur. Origens da dialética do trabalho. São Paulo, Ed. Difusão Européia do Livro, 1966.

GERTZ, R. O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1987.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Teoria de lãs cores. Madrid, Consejo General de la arquitetura técnica de espana, 1999.

GOLDMANN, Lucien. Crítica e dogmatismo na cultura moderna. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1973.

GOLDMANN, Lucien. Dialética e Cultura. Rio de Janeiro Ed. Paz e Terra.

GOLDMANN, Lucien. A criação cultural na sociedade moderna. Lisboa, Ed. Presença, 1976.

GOLDMANN, Lucien. Origem da dialética. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1967.

GOLDMANN, Lucien. Sociología do romance. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1967.

GRACIAN, Baltasan. A arte da prudencia. São Paulo, Editora Martin Claret, 1990.

GULAR, Ferreira (org.) Arte Brasileira hoje. Rio de Jnaeiro, Ed. Paz e Terra, 1973.

HABA, Enrique Pedro. La Idea de totalitarismo y la libertad individual. Bogotá. Editorial Temism, 1976.

HAUSER, Arnold. Historia Social de la literature y el arte. Madri, Ed. Guadarrama, 1969.

-----, O fundamento de la sociologia Del arte. Barcelona, Ed. Labor, 1982.

HAQUETE, Teresa M. F. Dialética hoje.

HEGEL, Estética (poesia). Lisboa, Guimarães Editoras, 1964.

HEGEL, Scienza della lógica. Roma-Barí, Editori Laterza, 1996.

HEGEL, G. W. F. Lecciones sobre la filosofia de la historia universal. Madrid, Alianza Editorial, 1982.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. São Paulo, Ed. Hemus, 1976.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. La constituição de Alemanha, Madrid, Ed. Aguilar, 1972.

HEGEL. Estética (a arte clássica e a arte romântica). Lisboa, Guimarães Editores, 1958.

HEGEL, G.F. Filosofia del derecho. México, Universidade Nacional Autônoma de México. 1975.

HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. Petrópolis, Ed. Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. Kant y El Problema de la Metafísica.

HEISENBERG, Werner. Mutamente nelle basi della Scienza, Torino, Ed. Boringhieri, 1978.

HERF, Jeffrey. O modernismo reacionário. São Paulo, Ed. Ensaio, 1993.

HERMET, Guy. Totalitarismos. México, Fondo de cultura econômica, 1991.

HINKELAMMERT, Franz J. Democracia y Totalitarismo. San José – Costa Rica, Ed. Dei, 1987.

HITLER, Adolf. Minha luta. São Paulo, Ed. Moraes, 1983.

HOBSBAWN, Eric. O novo século. São Paulo, Companhia de Letras, 2000.

HOSBAWN, Eric. A invenção das tradições. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1997.

-----, Sobre a historia. Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, José Olimpio, 1979.

HUISMAN, Denis. A Estética. São Paulo, Difusão Européia do livro, 1955.

HUYSEN, Andréas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro. Ed. Aeroplano, 2000.

IGLESIAS, Francisco. História e Ideologia. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

IGLÉSIAS, Francisco. Historia e Ideologia. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

INWOOD, Michael. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1997.

JAMENSON, Frederic. O inconsciente político. São Paulo, Ed. Ática, 1992.

JONAS, Hans. El principio de responsabilidade. Barcelona, Editora Herder, 1995.

JONHSON, Cristopher. Derrida. São Paulo, Ed. UNESP, 2001.

JUNG, C. G. Consideraciones some la historia actual. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1968.

KEIRKEGAARD, Soren. Estudos Estéticos. Madrid, Ed. Guadarrama, 1969.

KONDER, Leandro. Os marxistas e a arte. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1969.

LANDI, Ferruccio Rossi. Il Linguaggio come lavoro e come mercato. Ed. Valentino Bompiani, 1968.

LASKI, Harold J. La crisis de la democracia. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1946.

LAMBERT, Jacques. Os dois brasis. São Paulo, Ed. Nacional, 1973.

LAMENNAIS, Felecity Robert. Oeuvres completes. Paris, Pagnerre, 1844.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, Unicamp, 1990.

LEFEBVRE, Henri. Introdução e modernidade. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1969

LEITE, Lígia Chiappine Moraes. O foco narrativo, Ed. Ática, São Paulo, 1989.

.

LIMA, Heitor Ferreira. Historia política economia e industria no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

LIMA, Lezama. A expressão americana. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

LOBATO, Monteiro. Cidades Mortas. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1957.

LOBATO, Monteiro. Idéias de Jeca Tatu. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1957.

_____. Contos escolhidos. São Paulo, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989.

LOWY, Michael. Método dialético e teoria política. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975.

LUCRÉCIO. O epicurismo e “da natureza”. R. J. Tecnoprint, 1966.

LUKÁCS, Georgy. A teoria do romance. Lisboa, Ed. Presença.

LUKACS, Georgy. El asalto de la razon. Barcelona, Ed. Grijalba, 1968.

-----, Ensayo sobre literatura. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.

-----, Estética. Barcelona, Ed. Grijalbo, 1966.

-----, L`anima e La Forma. Milano: Saiggi e Documenti del novecento, 1991.

-----, Marxismo e política cultural. Torino Giulio Einaudi Editore, 1977.

-----, Il romanzo storico. Torino, Einaudi Editori, 1965.

-----, Ontologia dell'essere sociale I. Roma, Editori Riuniti, 1976.

-----, Tomas Mann. Barcelona, Editora Grijalbo, 1969.

MANHEIM, Karl. Diagnóstico de nosso tempo. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1973.

MARTINS, Wilson. A idéia modernista. Rio de Janeiro, Topbooks editora, 2002.

MARX e Engels. Textos filosóficos, Editorial presença, S/D.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Porto, Ed. Presença.

MARX, Karl. El capital. México, Siglo veintiuno editores, 1988.

-----, O 18 de brumário de Louis Bonaparte. Lisboa, Ed. Progresso, 1982.

MARX, Karl. Miséria da filosofia. São Paulo, Livraria Exposição do livro, s/d

MAGNANNI, Silvia Lang. O movimento anarquista em São Paulo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

MAISTRE, Joseph. De. Examen de la philosophia de Bacon. Bruxeles, Societé Nationale, 1844.

MARCUSE, Hebert, Razón y Revolucion. Madri, Alianza Editorial, 1999.

MEHRING, Franz. Sobre el materialismo histórico. México, Siglo Veintuno Editores, 1976.

MERCADANTE, Paulo. A consciência conservadora no Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1972.

MERQUIOR, José Guilherme. Saudades do Carnaval. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1972.

MEDEIROS, Jarbas. Ideologia autoritária no Brasil, 1930/1945. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getulio Vargas, 1978.

MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 a 1945). São Paulo, Dfel, 1979.

MICHELI, Mario de. As vanguardas artísticas. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

MINER, Earl. Poética comparada. Brasília. Ed. UNB ,1996.

MINH, Ho Chi. Escritores II. Portugal, Ed. Maria da Fonte, 1976.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaios. São Paulo, Abril Cultural 1972.

MOURÃO FILHO, O . Do Liberalismo ao Integralismo. Rio de Janeiro, Schmidt, 1935.

MORUS, Thomas. A utopia. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

MURA KAMI, Ana Maria Brandão(org.). A revolução de 1930. Rio de Janeiro, Ed. Nova.

MONDOLFO, Rodolfo. Estudos sobre Marx. São Paulo, Ed. UNB, 1967.

MUSSOLINI, Benito. Aspectos da crise mundial. Rio de Janeiro, Arturo Vechi editor, 1934.

NABUCO, Joaquim. Minha formação. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963.

NEUMANN, Franz. Estado democrático e Estado autoritário. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

NEVES, João Alves das. O movimento futuristas em Portugal. Lisboa, Dinalivro, s/d

NIETZSCHE, Friedrich. Para além do bem e do mal. São Paulo, Ed. Martim Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

_____. Considerações. Lisboa, Editorial Presença, 1976.

NUNES, Benedito. O dorso do tigre. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1969.

_____. O tempo na narrativa. São Paulo, Ed. Atica, 1988.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996.

PAIVA, Marcelo Whately(org). Hitler por ele mesmo. São Paulo, Ed. Martin Claret, 1990.

PARIS, Robert. As origens do fascismo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1990.

PASCAL, Blaise. Pensamentos. São Paulo, Ed. Martim Claret, 2003.

PASOLINE, Píer Paolo. Os jovens infelizes. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

PICCHIO, Luciana Stegagno. La letteratura brasiliana. Milano, Sansón. Academia, 1972.

PIRES, Cecília Pinto (org). Ética e cidadania: o;hares da filosofia latino americana. Porto Alegre, Decasa: Palmarica, 1999.

PLATÃO. A República. Portugal, Publicação Europa-America, s/d

_____. Diálogos. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

PLUTARCO. Como tirar proveito de seus inimigos. São Paulo, Martins Fontes, 1968.

PORTELLA, Eduardo. Teoria da comunicação literária. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1976.

POSADA, Francisco. Lukács, Brecht y la liteacion Actual Del Realismo Socialista. Argentina, Ed. Galerna, 1969.

POULANTZAS, Nicos. Fascismo y dictadura. México, Siglo XXI, 1971.

PRADO, Eduardo. A ilusão americana. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1958.

PRADO JUNIOR, Caio. História e desenvolvimento. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1972.

PROUST, Marcel. O tempo redescoberto. São Paulo, Ed. Globo, 1990.

RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1980.

RAMOS, Plínio de Abreu. Os partidos paulistas e o Estado Novo. Petrópolis, Editora Vozes, 1980.

RAMOS, Graciliano. Alexandre e outros heróis. São Paulo, Ed. Record, 1982.

READ, Herbert. As origens da forma na arte. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

_____. A filosofia da arte moderna. Lisboa, Ed. Ulisseia.

REALE, Miguel. ABC do Integralismo. Rio de Janeiro, Ed. J. Olympio, 1935.

REALE, Miguel. O estado moderno. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1935.

REICH, Wilhelm. Psicologias de massas do fascismo. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1988.

RIBEIRO, Darcy. América Latina: a pátria grande. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1965.

RIBEIRO, Darcy. Teoria do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1972.

RICARDO, CASSIANO. Viagem no tempo e no espaço. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1970.

RICARDO, Cassiano. Seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro. Ed. Jose Olympio, 1978.

_____. Eternamente em berço esplendido. São Paulo, Ed. Siciliano, 1991.

RIEDEL, Dirce Cortês. Meias verdades de romances, Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.

RIVIÉRE, Armand. L'église et l'esclavage. Paris, Menord, 1864.

RODRIGUES, José Honório, Conciliação e reforma no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.

ROMANO, Roberto. Conservadorismo Romântico. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997.

ROMERO, Sylvio. Provocações e debates. Porto, 1910.

ROSENFELD, Anatol. Textos/ contexto. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1969.

_____. O teatro épico. São Paulo, São Paulo Editora, 1965.

_____. Textos/contexto II. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2003.

ROUANET, Paulo Sergio. As razões do Iluminismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SAIANI, Cláudio. Jung e a Educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2003.

SAIANI, Cláudio. Jung e a Educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2003.

SCHWARTZMAN, Simon. Tempos de Capanema. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

SALDANHA, Nelson. Histórias das idéias políticas no Brasil. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

SALGADO, Plínio. Vida de Jesus. São Paulo, Editora das Américas, 1954.

_____. Psicologia da revolução. São Paulo, Editora das Américas, 1955.

_____. O que é integralismo. São Paulo, Editora das Américas, 1955.

_____, O Estrangeiro, São Paulo, Ed. Panorama, 1948.

_____ Despertemos a nação. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio. Ed. 1935.

_____. A inquietação espiritual na Literatura Brasileira. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. O ritmo da história. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. Espírito da Burguesia. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. A voz do Oeste. São Paulo, Editora das Américas, 1955.

_____. Literatura e política. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. Crítica e prefácio. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. O Esperado. São Paulo, Editora das Américas, 1955.

_____. Discurso as estrelas. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. Contos e fantasias. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. Sentimentos. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

_____. Despertamos a nação! São Paulo, Editora das Américas, 1955.

_____. A voz do Oeste. São Paulo, Editora das Américas, 1955.

_____. Espírito da Burguesia. São Paulo, Editora das Américas, 1956.

SARTRE, Jean Paul. As palavras. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984.

SIMMEL, Friedrich. Teoria da tragédia. São Paulo, Editora Herder, 1964.

SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo, Ed. Alfa-Omêga, 1978.

SILVA, Hélio. Terrorismo em campo verde. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, J. F. Retalhos verdes. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho, 1937.

SIMMEL, Georg. El individuo y la libertad. Barcelona. Ediciones Península, 1998.

_____. Problemas fundamentais da filosofia . Coimbra, Atlântica Editora, 1970.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981.

SEGRE, Cesare. Os signos e a crítica. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.

STAIGER, Emil. Conceito fundamental da poética. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1975.

SIMONSEN, Roberto C. Evolução Industrial no Brasil. São Paulo, ED. Nacional, 1973.

SILVA, Hélio. Terrorismo em campo verde. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, J. F. Retalhos verdes. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco Filho, 1937.

SLOTERDIJK, Peter. Regras para o parque humano. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Eliana Maria de Melo. Cultura Brasileira Figuras da Autoridade. São Paulo, Ed. Huacitec, 1996.

SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SUZIGAN, Wilson. Indústria Brasileira. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

TASCA, Ângelo. Del Fascismo. Barcelona, Ed. Ariel, 1969.

TAVARES, José Nilo. Conciliação de radicalização política no Brasil. Petrópolis, Ed. Vozes, 1982.

TCHAKHOTINES, S.A. A mistificação das massas pela propaganda. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967.

TOBIAS, José Antonio. Histórias das idéias estéticas no Brasil. São Paulo. Ed. Grijalbo, 1967.

TOPOLSKI, Jerzu. Metodologia della ricerca storica, Bologna, società editrice il Mulino, 1975.

TORRES, Alberto. A organização Nacional./ São Paulo, Ed. Nacional, 1978.

TOKAREV, S. A. História de três religiões. Buenos Aires, Editorial Cartago, 1965.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira(org.). Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre, Ed. Globo, 1978.

TRENTO, Ângelo. Fascismo Italiano. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

TRINDADE, Hélió. Integralismo. São Paulo, Difel, 1979.

TRONCO, Ítalo. Revolução de 30: a dominação oculta. São Paulo. Ed. Brasiliense.

UNAMUNO, Miguel de. Del sentimiento trágico de la vida. Madrid, Espasa Calpe, 1967.

VÁRIOS. Estruturalismo e Marxismo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968.

VASCONCELOS, G. A ideologia curupira análise do discurso integralista. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.

VEBLEN, Thorstein. Teoria de la clase ociosa. Fondo da cultura económica, México, 1944.

VELHO, Otavio Guilherme (org).O fenômeno trbano. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1973.

VENCESLAU JR., J. O Integralismo ao alcance de todos. São Paulo, Imprensa Brasileira, 1936.

VERDONE, Mario. EL futurismo. Roma, Newton Compton Editori, 1994.

VIANNA, Oliveira. Instituições políticas brasileiras. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1974.

VIANNA, Oliveira. Ensaio inédito. Campinas, Ed. Da Unicamp. 1991.

VICO, Giambattista. Princípios de uma ciência nova. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

VITA, Luís Washington. Antologia do pensamento social e político no Brasil. São Paulo, Editorial Grijalbo, 1968.

VIVEIROS, C. Camisas verdes. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1935.

_____. O sonho do filósofo integralista. Rio de Janeiro, H. Antunes, 1935.

VOLPE, Galvano Della. Crítica do gosto. Lisboa, Ed. Presença, 1966.

WILSON, Edmund. O castelo de Axel. São Paulo, Ed. Cultrix, 1967.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logica philofophicus. São Paulo, Editora Nacional, 1968.

YUNES, Eliana (org). Pensar a leitura. Complexidade. São Paulo, Ed. Loyola,2002.

Resumo

O modernismo integralista nos romances de O Estrangeiro e O Esperado de Plínio Salgado.

Autor: José Elíseo de Barros

Orientador: Doutor Luiz Edmundo Bouças Coutinho.

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Literatura Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários á obtenção do título de Doutor em Ciência da Literatura, Literatura Comparada.

O objetivo desta Tese é estabelecida os limites e o caráter dos romances O Estrangeiro e O Esperado de Plínio Salgado onde o formalismo e o teleologismo se impõe de forma rigorosa: A modernização da forma e a permanência de um conteúdo reacionário, torna-se o aspecto central desta abordagem chegando ao que Bertolt Brecht caracterizar como formalismo.

Palavras chaves: Formalismo, nacionalismo, fatalismo, providencialismo, modernismo conservador.

ABSTRACT

The modernism integralista in novel “O Estrangeiro” and “O Esperado” by Plínio Salgado.

Nome de Autor: José Elíseo de Barros

Orientador: Doutor Luiz Edmundo Boças Coutinho.

Abstract da Tese de Doutorado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Literatura Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários á obtenção do titulo de Doutor em Ciência da Literatura – Literatura Comparada.

The objective of this theory is to establish the limits and the character of the romances “O Estrangeiro” and “O Esperado” written by Plínio Salgado where the formalism and the teleologism are imposed im a rigorous way. The modernization in the way and the permanence of a reactionary content becomes the central aspect of this approach, reaching to what Bertold Brecht characterizes as formalism.

Key words – formalism, nationalism, fatalism, providencialism, modernism conservative.

